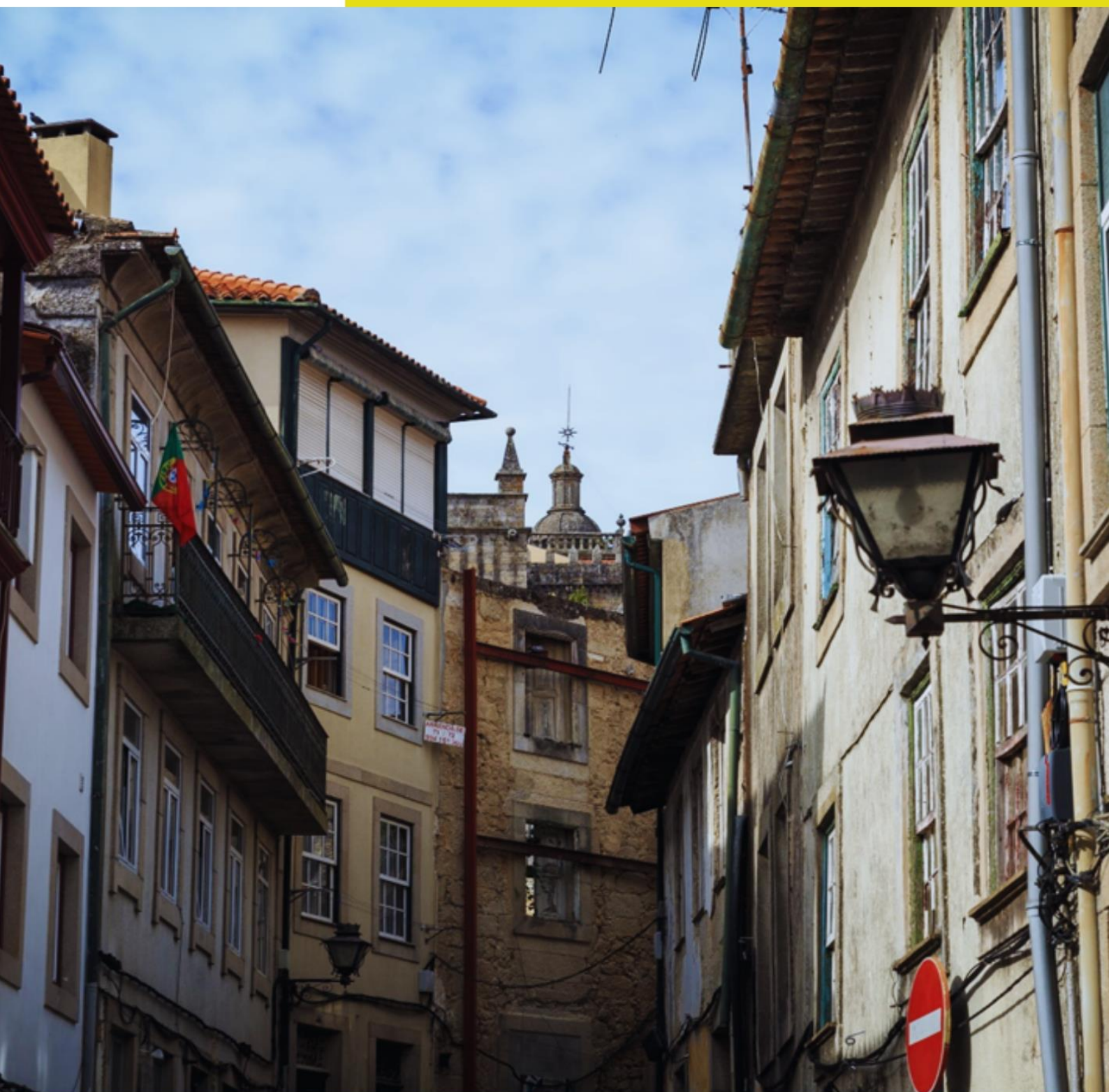


20
22

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

ZONA HISTÓRICA DE VISEU



MUNICÍPIO DE
VISEU



FREGUESIA DE
VISEU

PhotoRoom®



PESSOAS & PROJETOS®

DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DA ZONA HISTÓRICA DE VISEU 2022

Um exercício de cidadania

FICHA TÉCNICA

TÍTULO	Diagnóstico Participativo da Zona Histórica de Viseu 2022
PROMOTOR	Freguesia de Viseu
COORDENAÇÃO	Ana Condeço Simões
SUPERVISÃO	Pedro Martin Gutiérrez e Susana Morais
PERÍODO DE CONSULTA	de janeiro a maio de 2022
DATA DE CONCLUSÃO	julho de 2022
CONTACTO	info@pessoaseprojetos.com

Mensagem do Presidente da Freguesia da Viseu

Se pudéssemos primeiro saber onde estamos e para onde nos dirigimos, podíamos avaliar melhor o que fazer e como fazê-lo.

Abraham Lincoln

Enquanto líder do Executivo da Freguesia cumpre-me trabalhar, em permanência, na melhoria da qualidade e da eficiência dos serviços públicos tendentes a um fim único: melhorar a qualidade de vida das pessoas que residem e que frequentam o território da Freguesia.

Não obstante a necessidade de articular meios e processos com o Município, não enjeitamos a oportunidade de aceitar o repto da doutoranda Ana Condeço Simões e da Pessoas & Projetos® em desenvolver, em conjunto, um Diagnóstico Participativo do Centro Histórico da Cidade de Viseu. Identificar necessidades, detetar problemas e respetivas causalidades, bem como conjugar recursos e arrolar parceiros é o caminho para melhorar e potenciar as condições e os recursos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos nossos concidadãos.

Por ser um instrumento que resulta da participação individual e coletiva, com métodos e processos facilitadores da interação e da comunicação entre eles, os resultados obtidos refletem cabalmente o real sentir das dificuldades e necessidades requeridas.

Gratos a todos quantos participarem neste processo, em especial à Ana Condeço Simões, fica a garantia de agilizarmos e providenciarmos os meios e recursos para que as conclusões saiam do papel e sejam implementadas.

Diamantino Amaral dos Santos

ÍNDICE

1. Enquadramento Geral

- 1.1 Justificação (p. 6)
- 1.2 Objetivos (p. 8)
- 1.3 Etapas do Processo (p.8)
 - 1.3.1 Expectativas (p. 8)
 - 1.3.2 Autodiagnóstico (p. 9)
 - 1.3.3 Propostas (p. 10)
- 1.4 Abordagem metodológica (p.10)
 - 1.4.1 Estratégia e técnicas de recolha de dados (p.10)
 - 1.4.2 Participantes (p. 13)
 - 1.4.3 Modalidade de tratamento e análise de dados (p. 14)

2. Análise Sociodemográfica

- 2.1 Localização municipal (p. 16)
- 2.2 Evolução da população (p. 17)
- 2.3 Agregados (p. 20)
- 2.4 Edifícios (p. 20)
- 2.5 Alojamentos (p. 20)

3. Análise da Perceção Cidadã

- 3.1 Análise dos Problemas e Potencialidade Identificados (p. 22)
 - 3.1.1 Linha do Tempo (p. 22)
 - 3.1.2 Mapa cognitivo com grupo heterogéneo (p. 27)
 - 3.1.3 Estendal dos desejos (p. 31)
 - 3.1.4 Mapa cognitivo com moradores (p. 35)
 - 3.1.5 Visitas/entrevistas a comerciantes (p. 40)
 - 3.1.6 Entrevista semiestruturada a novo investidor (p. 43)
 - 3.1.7 Fluxograma (p. 46)
- 3.2 Análise das Relações e Redes Sociais (p. 50)
 - 3.2.1 Mapeamento de atores com grupo motor (p. 50)
 - 3.2.2 Mapeamento de atores com jovens migrantes (p.54)

4. Propostas

- 4.1 Base social (p. 59)
- 4.2 Setor associativo (p.61)
- 4.3 Setor empresarial (p. 61)

5. Conclusões e Recomendações

6. Fontes Secundárias Consultadas

7. Anexos

1. ENQUADRAMENTO GERAL

1.1 Justificação

A cidade de Viseu, localizada na Região Centro de Portugal, constitui-se como o maior centro urbano fora das áreas metropolitanas e da faixa litoral continental, com perto de 50 mil habitantes e sede de um concelho com perto de 100 mil (<https://www.cm-viseu.pt/>). Viseu tem uma densidade populacional muito acima da média do país.

O centro histórico de Viseu é uma área chave da cidade, no qual radica a sua identidade, o seu carácter único e distintivo, parte significativa do seu património arquitetónico, monumental, cultural e artístico. O Centro Histórico apresenta uma matriz medieval, formada em torno do núcleo central da Sé de Viseu, sede do poder episcopal, delimitada pela muralha construída no século XIV, que definiu a cidade da não-cidade e que, atualmente, não é mais perceptível.

É também aqui que se localiza o potencial de atratividade turística e de criação de novas atividades ligadas à criatividade e inovação (residências artísticas, exposições e eventos culturais, museus de referência, etc.), fruto de apostas regenerativas mais recentes do município de Viseu.

A zona histórica de Viseu tem sido um espaço com um significativo histórico de intervenção urbana, com vários programas implementados ao longo do tempo. O processo mais recente de renovação e intervenção envolve várias iniciativas.

Em dezembro de 2005 é criada a Empresa Municipal "Viseu Novo SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Cidade de Viseu" com o objetivo de promover a revitalização social, física e económica de áreas emblemáticas da cidade que constituem a Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Viseu, incluindo a zona histórica (<https://viseunovo.pt/>).

Em 2014, o município de Viseu lançou o Plano de Ação para a Revitalização do Centro Histórico sob o lema "Viseu Viva. Reabilitar com Paixão, Recuperar o Coração", após a realização de uma consulta pública que envolveu 342 cidadãos ou organizações participantes e recebeu 152 propostas (<https://www.cm-viseu.pt/>). Várias linhas de atuação foram identificadas, entre as quais se destaca o processo de reabilitação de imóveis (públicos e privados), que teve início em 2014 e já atingiu em termos financeiros um valor global superior a 28,6 milhões de euros, com o intuito de apoiar o estabelecimento de empresas e pessoas (antigos residentes, mas também atrair jovens casais, estudantes). Entre os objetivos da intervenção prevista neste documento, a autarquia refere "aumentar a qualidade de vida dos vizinhos, atrair novas famílias e moradores, fortalecer dinâmicas culturais e turísticas, estabelecer novas atividades económicas e gerar mais empregos, estabelecer novos serviços públicos e projetos criativos, melhorar o ambiente e a mobilidade, com melhor desempenho energético [...] queremos um centro histórico vibrante, mas sustentável". (Câmara Municipal de Viseu, 2014, pág. 3).

2015 é o ano em que foi criada a Incubadora do Centro Histórico de Viseu, que surge com o propósito de ser uma âncora de inovação e um fator de atração para empreendedores, incluindo uma loja de turismo que oferece roteiros e visitas guiadas,

especializada no segmento de “turismo cultural” e produtos de merchandising (<https://www.cm-viseu.pt/pt>).

Em 2016, teve início o projeto “Viseu Património: resgatar a cidade com 2500 anos de história”, focado principalmente no conhecimento, salvaguarda e reabilitação do património cultural, material e imaterial do Centro Histórico, com a participação de investigadores de várias universidades e envolvendo estruturas locais com responsabilidade e atividade relevante neste domínio, como é o caso da empresa municipal Viseu Novo, SRU (<https://viseupatrimonio.pt/>).

Em 2018, é lançada a Incubadora de Indústrias Criativas do Centro Histórico de Viseu, fruto de um protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Viseu, sete artistas de Viseu e uma empresa de turismo cultural, com o objetivo de “desenvolver a economia criativa de Viseu, fomentando talentos artísticos e promovendo uma oferta cultural e turística mais atrativa e diversificada” (<https://www.cm-viseu.pt/>).

Ainda em 2018, foi lançado o projeto “Viseu Porta Aberta à Inovação Social e Urbana”, promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Viseu e com o apoio da Câmara Municipal de Viseu como investidor social, no âmbito do “Portugal Inovação Social”, dedicado à reabilitação (em pequena escala) de casas de populações mais carenciadas da cidade, incluindo o centro histórico. Também incluiu a criação do espaço ‘Porta Aberta’ no centro histórico de Viseu com atendimento presencial e telefónico. O custo total do projeto finalizado foi de 355.899 € (<https://inovacaosocial.portugal2020.pt/>).

Em 2021, foi lançado o Programa “Revitalizar Rua Direita”, que incluiu, entre outros, apoio até 5.000€ aos comerciantes da Rua Direita para a compra de equipamentos, obras de melhoria e ações de promoção de marketing, além de acesso gratuito, durante um ano, à plataforma de e-commerce municipal “Viseu Compr’aqui” (<https://www.cm-viseu.pt/>).

Com efeito, face a um processo de desertificação (segundo dados do município, entre 2001 e 2011 o Centro Histórico perdeu quase 30% de seus habitantes) e degradação, o centro histórico de Viseu ganhou uma nova vida nos últimos anos. Não se pode negar aqui a contribuição da indústria de ócio noturno que, embora não sem alguma oposição de alguns vizinhos, ajudou a revitalizar esta área. É um espaço com um aumento notável de afluência aos fins-de-semana, com muitas pessoas andando pelas ruas até altas horas da noite (CRI: Diagnóstico Territorial de Viseu, 2017).

Porém, apesar dos muitos esforços na tentativa da reabilitação e revitalização do centro histórico de Viseu, esta representa uma das áreas de maior exclusão social da cidade, embora não devidamente diagnosticada. A zona histórica acolhe atualmente moradores em risco de pobreza e exclusão social, idosos, famílias carenciadas e imigradas, com situações de realojamento recentes. A vulnerabilidade e necessidades dos moradores são notórias, embora escondidas e envergonhadas. Confirmámos esta informação junto de instituições e agentes que se encontram a intervir neste território. Existe um fraco sentido de comunidade embora subsistam problemas que são comuns a vários residentes. As redes de solidariedade existentes foram quebradas e, frequentemente, existe desconhecimento e desconfiança face aos novos vizinhos. De acordo com o Plano de Ação para a Revitalização do Centro Histórico Viseu Viva (2014,

p. 8), o reforço da solidariedade e a inclusão social é uma das prioridades estratégicas a médio prazo assumidas pelo município para a centro histórico de Viseu e este projeto pretende ser um contributo a esse nível.

1.2 Objetivos

Objetivo geral

O diagnóstico participativo pretende obter informação e gerar conhecimento coletivo sobre os problemas, necessidades, recursos e oportunidades de desenvolvimento da zona histórica de Viseu, através de espaços de debate nos quais os diferentes segmentos sociais e populacionais implicados podem participar e ter voz ativa.

Objetivos específicos

- Recolher, organizar e analisar informação acerca da realidade da zona histórica de Viseu, assim como a descrição do seu contexto, análise dos atores sociais e suas redes;
- Analisar os problemas priorizados e perceber as suas causas em conjunto com a população e demais atores sociais;
- Recolher propostas de melhoria da qualidade de vida, pelo reforço do sentido de comunidade, inteligência coletiva e criatividade grupal;
- Criar um ponto de partida para a elaboração de novos projetos em torno da articulação dos recursos disponíveis com as potencialidades e problemáticas diagnosticadas.

1.3 Etapas do Processo

A Freguesia de Viseu decidiu apostar na participação cidadã, promovendo, entre os meses de janeiro e junho de 2022, um processo participativo para a elaboração do Diagnóstico da Zona Histórica de Viseu, do qual fazem parte um conjunto de iniciativas abertas a todos os cidadãos/ãs.

1.3.1 Expectativas

A primeira fase do processo participativo iniciou-se com uma reunião preparatória de apresentação da metodologia ao executivo da Freguesia de Viseu, a várias instituições e organizações locais, a técnicos municipais e a alguns moradores. Estiverem presentes 27 pessoas. A sessão de apresentação teve lugar no Solar dos Peixotos, no dia 4 de fevereiro de 2022, e teve como objetivos:

- Apresentar a metodologia do processo participativo;
- Clarificar as expectativas quanto ao processo e ao diagnóstico participativo e os limites da intervenção;
- Determinar os atores sociais que irão tomar parte e as condições de participação;
- Acordar os papéis e responsabilidades de cada ator e desenho do projeto

- Pôr em comum um problema sentido por todas as partes e perceber os antecedentes e a contextualização desse problema.



1.3.2 Sessões de Autodiagnóstico

O diagnóstico surge como um processo de “autodiagnóstico”, construído pelos/as cidadãos/ãs do município que participam na investigação. Os dados técnicos, de cariz quantitativo, constituem o ponto de partida para o debate entre os diferentes atores implicados no processo, de modo a complementar a informação estatística com a análise da perceção da temática em estudo pelos atores locais.

As sessões de autodiagnóstico decorreram entre fevereiro e maio de 2022, em sessões presenciais em diferentes espaços da comunidade. A ronda de reuniões participativas, com diferentes tipologias de atores, permitiu conhecer as diferentes perceções dos cidadãos e cidadãs sobre o centro histórico e ajudar a construir uma visão partilhada dos problemas e potencialidades dessa área da cidade. Cada sessão teve como resultado um conjunto de contributos acerca dos constrangimentos e potencialidades do território, os quais se organizaram em grandes temas: Espaços, Serviços e Infraestruturas; Convivência, Identidade e Valores; Segurança; Limpeza. Os contributos gerados nessa etapa serviram de base para a identificação de propostas.

1.3.3. Propostas

A participação dos/as cidadãos/ãs num processo participativo não é inócua, na medida em que as pessoas participam para conseguirem respostas aos problemas que as afetam. Por isso, embora a recolha e análise de propostas não seja o objetivo central de um diagnóstico, é muito comum as propostas emergirem já nesta fase, tendo em conta que, não raras vezes, os participantes questionados sobre os problemas, respondem com propostas de solução, numa perspetiva holística de interpretação da realidade. A metodologia das sessões de autodiagnóstico permitiu a identificação espontânea pelos participantes de propostas de ação face aos problemas e potencialidades identificados. Ao todo contámos 80 propostas apresentadas pelos participantes para o desenvolvimento da zona histórica de Viseu, que poderão, em etapa subsequente a este diagnóstico, ser objeto de aprofundamento, priorização, articulação com os problemas diagnosticados e constituição de um plano de ação e experimentação. Os contributos foram sistematizados e serão apresentados na secção 4 deste relatório.

1.4 Abordagem metodológica

O processo de diagnóstico participativo da zona histórica de Viseu, constitui-se como um diagnóstico aberto, desenhado para um período temporal de 6 meses (janeiro a junho de 2022). Nele se incluem canais e mecanismos de participação diversificados, combinando técnicas qualitativas e participativas.

1.4.1 Estratégia e técnicas de recolha dos dados

A investigação em causa parte de uma lógica de valorização dos atores sociais presentes na realidade em estudo – o centro histórico de Viseu - colocando-os como protagonistas, peritos experienciais, detentores de informação e capacidade de formular os seus problemas, já que, ninguém melhor que eles (porque os vivenciam) o consegue fazer.

Assim, ao pretendermos levar a cabo um processo diagnóstico participativo, a investigação configura-se numa metodologia de investigação ação participativa e de sociopraxis, tendo por base, mais concretamente, o paradigma crítico que, para além da compreensão dos indivíduos e contextos, visa uma maior vinculação da investigação com a ação e a transformação social.

O objetivo do conhecimento produzido não é a sua generalização teórica, mas sim, a sua aplicação prática, para a melhoria das condições de vida das populações que integram a realidade em estudo. A preocupação excessiva em seguir determinados métodos específicos, com o intuito de aumentar a credibilidade das informações obtidas, assume uma importância secundária no processo participativo, que coloca a ênfase na capacitação das pessoas e comunidades para a resolução dos seus problemas.

As primeiras atividades realizadas consistiram na recolha e consulta de dados e fontes secundárias a fim de obter um conhecimento prévio do contexto demográfico, social, económico, político da zona histórica de Viseu. Esta primeira etapa do estudo, de cariz iminentemente quantitativo, foi complementada com a aproximação à realidade da zona histórica de Viseu, mediante uma abordagem metodológica participativa.

Para aceder às perceções dos diferentes atores que integram a zona histórica de Viseu, tornou-se fundamental encontrar elos de ligação com a comunidade. Esta ligação foi estabelecida na maioria dos casos pela Freguesia de Viseu, pondo em prática um plano de comunicação e difusão, por meios eletrónicos, presenciais e mailings, que permitiram o lançamento de convocatórias para diferentes tipologias de atores e para distintos momentos do processo, como são exemplo os cartazes/flyers que a seguir se apresentam.

Figura 1: Exemplos de convocatórias criadas para diferentes tipologias de atores



A razão de existirem, em alguns momentos, distintas convocatórias por tipologias de atores prende-se com a necessidade de captar e compreender com o máximo de profundidade possível as diferentes posições discursivas existentes, evitando espaços de conflito e dispersão.

Na recolha de dados foi usada uma variedade de técnicas participativas: linha do tempo, mapa cognitivo, estendal dos desejos, sociograma, fluxograma, através das quais, a comunidade identificou e formulou os problemas que sente na zona histórica de Viseu. De igual forma, foi também tida em conta a identificação das potencialidades desta área da cidade, que podem contribuir para superar problemas, chegar a soluções mais criativas e a autoafirmação da comunidade. O recurso a estas técnicas participativas, que respeitam as raízes culturais da comunidade, permitiu uma maior facilidade de expressão por parte dos participantes.

O formato grupal (homogéneo ou heterogéneo) foi o privilegiado, ainda que complementado com técnicas qualitativas mais tradicionais (como é o caso da entrevista semiestruturada). Se queremos introduzir lógicas participativas em processos de reflexão e ação comunitária, é fundamental proporcionar a interação comunicativa entre os atores implicados. É desta interação que resultam novas ideias, visões comuns e pensamentos coletivos, pela capacidade que os participantes desenvolvem de processar a informação partilhada e, eventualmente com o auxílio do investigador externo, desenvolver conhecimento crítico (o somatório do conhecimento experiencial e teórico). Quando tal não foi possível, como aconteceu no caso dos comerciantes, em

que não houve resposta à chamada para um encontro grupal, optou-se, em alternativa, por visitas aleatórias a espaços comerciais da zona histórica, com breves entrevistas a comerciantes.

Nalguns casos, para conseguir a formação de grupos, foi ainda necessária a mediação de outras organizações locais, que operam no território de forma mais próxima com determinados segmentos da população: foi o caso da Cáritas Paroquial de Santa Maria de Viseu com os moradores e da Associação Viriatos 14 com jovens migrantes.

Foi igualmente lançada uma campanha de recolha de fotos (antigas ou atuais) da zona histórica de Viseu, dirigida a toda a comunidade, incluindo crianças e jovens, com o objetivo de caracterizar esta área da cidade através da fotografia e das suas histórias, e promover a discussão grupal sobre as mesmas, através de uma oficina de *photovoice* e posterior disseminação através de uma exposição coletiva. Foi proporcionado um mês como o tempo para fotografar e foi solicitado apoio a grupos da comunidade e das escolas para a divulgação da campanha junto dos alunos e das suas famílias, através dos cartazes que apresentamos de seguida.

Figura 2: Cartazes da Campanha de Recolha de Fotos da Zona Histórica

Cartaz Crianças e Jovens



Cartaz Adultos



Atendendo a que responderam a esta campanha sete participantes adultos e não se registou a participação de nenhuma criança ou jovem (apesar do envolvimento das escolas na divulgação), entendemos não avançar com a realização desta técnica participativa, por se considerar não estarem reunidas as condições necessárias.

O processo de investigação participativa implementado, assentou assim numa metodologia experiencial, na qual não estava estritamente definido uma sequência pre-estabelecida e linear de etapas, mas foram surgindo de acordo com os comportamentos individuais e coletivos manifestados pelos indivíduos, aqui tidos como “participantes”. Estes, convertem-se tanto em ‘objeto’ de investigação (enquanto fonte de informação), como ‘sujeito’ da mesma (diagnosticam e elaboram propostas de melhoria para a realidade em estudo).

1.4.2 Participantes

Num estudo qualitativo, a amostra rege-se predominantemente pela sua diversidade, tentando abarcar o maior número de posições discursivas sobre o objeto de análise, neste caso: a realidade atual do centro histórico de Viseu. Estas posições discursivas são tidas como representações sociais dos indivíduos que constituem o modo de ver o mundo e relacionar-se com ele e com as pessoas que nele habitam.

Não é uma amostra probabilística, é uma amostra qualitativa, que permite alcançar uma representatividade dos discursos sociais, ao invés de uma representatividade estatística dos sujeitos ou dos números. A questão em análise nesta fase é sobre quem temos que escutar para conhecer o suficiente da problemática na população em estudo. De acordo com Manuel Serrano (comunicação pessoal, 10 de fevereiro de 2022), “a amostra, assim concebida, não é uma parte de um universo que proporcionalmente a reproduz, mas sim um dispositivo tecnológico que permite produzir o todo discursivo sobre a problemática objeto de estudo”. Uma das diferenças entre a amostra estatística e a amostra qualitativa, é que a primeira é calculada e definida em fase prévia à recolha de dados e a segunda vai-se completando à medida que as técnicas vão sendo desenvolvidas. Isso deve-se ao fato de que somente à medida que os diferentes discursos se tornam conhecidos é que descobrimos o que falta ainda saber.

Para levarmos a cabo o diagnóstico participativo da zona histórica de Viseu, começámos por ter presente três categorias de atores (setor institucional; setor auto-organizado e setor não organizado) e, à medida que fomos desenvolvendo o trabalho de campo e recolhendo a informação com os participantes que estavam mais disponíveis, especialmente a partir das oficinas de mapeamento de atores, fomos identificando outros atores implicados nesta realidade face a cada uma dessas categorias, tal como se demonstra no quadro seguinte.

Tabela 1: Categorias de Atores

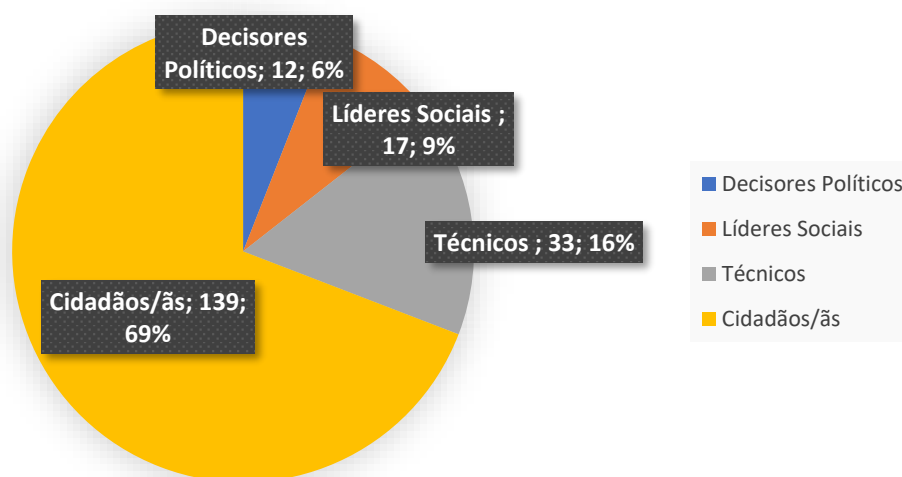
Categorias de Atores	Atores implicados na zona histórica de Viseu por categoria
Setor institucional	Decisores políticos, representantes e profissionais de organismos pertencentes à administração pública.
Setor auto-organizado	Líderes (sociais, empresariais) e profissionais de organizações de natureza privada, com ou sem fins lucrativos
Setor não organizado	Moradores autóctones; moradores migrantes; moradores estudantes; arrendatários; jovens; estudantes; comerciantes do comércio tradicional; proprietários de bares e discotecas; empreendedores e novos investidores; agentes culturais e artísticos; turistas; consumidores; vendedores de droga.

A partir desta identificação, realizada com os participantes, procurámos ouvir os vários atores implicados, tendo por princípio metodológico que não é necessário ouvir cada um dos atores que aparecem nos mapeamentos, pois, em geral, os discursos sociais são compartilhados por aqueles atores que se relacionam, os do mesmo grupo ou conjunto, e, por princípio ético, a primazia do trabalho desenvolvido a partir da base

cidadã (lógica de baixo para cima), fomentando, em especial, a inclusão de grupos que tradicionalmente não participam.

A impossibilidade de ouvirmos todas as tipologias de atores implicados, por limitações de tempo, recursos ou dificuldade em chegar a alguns segmentos da população, não permitiu que a amostra fosse tão diversificada como seria desejável. Tendo em conta estes fatores e condicionantes, entre janeiro e maio de 2022, o Diagnóstico Participativo da Zona Histórica de Viseu registou 201 presenças/participações em reuniões, oficinas de autodiagnóstico, entrevistas ou interações de rua: 12 participações de decisores políticos; 17 participações de líderes sociais; 33 participações de técnicos municipais e de organizações locais e 139 participações de cidadãos/ãs (entre moradores autóctones, moradores migrantes, migrantes, estudantes, jovens, comerciantes, empresários, proprietários de bares e discotecas, novos investidores, consumidores), como podemos observar no gráfico que se segue.

Gráfico 1: Número de Participações em Função do Perfil dos Participantes



De modo a preservar os princípios éticos, foi explicado aos participantes os objetivos da investigação, salvaguardando o anonimato das informações recolhidas, sendo estas apenas reconhecidas por tipologia de atores.

1.4.3 Modalidade de tratamento e análise dos dados

No diagnóstico participativo os dados são analisados (e interpretados) com o intuito de descobrir as dimensões do problema que está a ser investigado, que permitirá guiar o desencadear de ações coletivas. À medida que a recolha de dados foi sendo realizada, a informação foi sendo organizada em função das técnicas utilizadas, permitindo diferentes tipos de análise de dados. Na tabela seguinte apresentamos os tipos de análise realizados.

Tabela 2: Tipos de Análise dos Dados

Análise de Relações e Redes Sociais	Conhecer quem são os atores e as relações entre eles, a estrutura da rede que existe e como funciona.
Análise dos Problemas e Potencialidades	Conhecer os conteúdos a trabalhar, quais são os problemas e as potencialidades e a relação entre eles.

A análise de relações e redes sociais, permite-nos introduzir uma importante dimensão relacional no diagnóstico da realidade em estudo. A sua função fundamental é identificar quem são os atores da rede e analisá-los do ponto de vista relacional (quantificar a densidade da rede, caracterizar as distintas relações entre atores individuais e coletivos), do ponto de vista posicional (observar as assimetrias de poder entre os atores e a centralidade ou marginalidade de uns e outros, quem ocupa espaços semelhantes, quem está mais próximo ou mais afastado) e, em função disso, perceber quem temos que ouvir para garantir que todos os posicionamentos sobre a matéria em estudo sejam escutados. Para além desta função descritiva, a análise de relações e redes sociais tem também uma função estratégica, na medida em que um dos pressupostos do processo participativo iniciado é provocar dinâmicas de transformação social, pela (re)criação do esquema de relações existentes com base em lógicas mais colaborativas e implicativas.

Na análise de problemas e potencialidades, a ênfase é colocada na análise sistémica e coletiva de problemas e potencialidades da zona histórica de Viseu, no seu refinamento e interpretação, ou seja, centramo-nos nos conteúdos a trabalhar e na relação entre eles.

O corpus documental da nossa análise é constituído pelas diversas opiniões recolhidas ao longo das diversas oficinas de autodiagnóstico, por entrevistas de rua e por uma entrevista semi-estruturada. Esta informação, depois de transcrita, foi sujeita a uma leitura atenta, de modo a captar as ideias-chave do conteúdo recolhido através de cada uma das técnicas, e organizada segundo categorias pré-definidas (à exceção das entrevistas de rua e da entrevista semiestruturada), tentando perceber os significados e sentidos que lhe são atribuídos e que podem ser reflexivamente extraídos. Implica, por isso, uma postura crítica de análise face à informação.

As categorias de análise podem ser elaboradas à priori, à posteriori ou uma combinação dos dois. Na presente investigação, foram elaboradas pré-categorias de análise (não obstante, haver sempre a possibilidade de deixar cair alguma ou adicionar outras em função dos dados recolhidos), considerando os objetivos da investigação e o referencial teórico, nos moldes que a seguir se apresenta.

Tabela 3: Categorias de Análise

Categoria	Subcategorias
Potencialidades da Zona Histórica de Viseu (O que mais gosto na zona histórica?)	Espaços ao ar livre
	Infraestruturas e equipamentos
	Modos de vida e convivência

Problemas da Zona Histórica de Viseu (O que não gosto na zona histórica?)	Falta de investimentos em infraestruturas e equipamentos
	Problemas de convivência, identidade e valores
	Insegurança
	Falta de manutenção
	Falta de limpeza

A predefinição de categorias e subcategorias de análise permitiu manter a coerência metodológica e conceptual ao longo do processo, para assegurar, à priori, aspetos da comparabilidade entre diferentes técnicas e fontes de informação. Facilitou também a devolução da informação à comunidade pela construção de quadros de análise com categorias, subcategorias e as unidades de registo retiradas do corpus documental para ser interpretada.

A informação recolhida na comunidade, foi analisada pelos participantes, através de uma oficina de devolução de informação, pedindo-lhes para extrair algumas conclusões dos resultados obtidos, o que é suscetível de constituir, para eles próprios, uma fonte importante de conhecimento, de capacitação e até de tomada de consciência de certos aspetos implícitos da sua realidade.

Convém não esquecer, no entanto, que esta implicação comporta os seus riscos metodológicos, porém, a participação da comunidade no processo assegura uma análise mais exata e autêntica da realidade social. A validação dos resultados prende-se sobretudo com a escala local do estudo, que nos remete para a explicação de um caso particular e permite um maior controlo do processo; o continuo diálogo entre os participantes e a validação consensual dos resultados obtidos; a capacidade da comunidade para continuar, ela própria, a orientar o seu autodesenvolvimento.

2. ANÁLISE SICIODEMOGRÁFICA

2.1 Localização

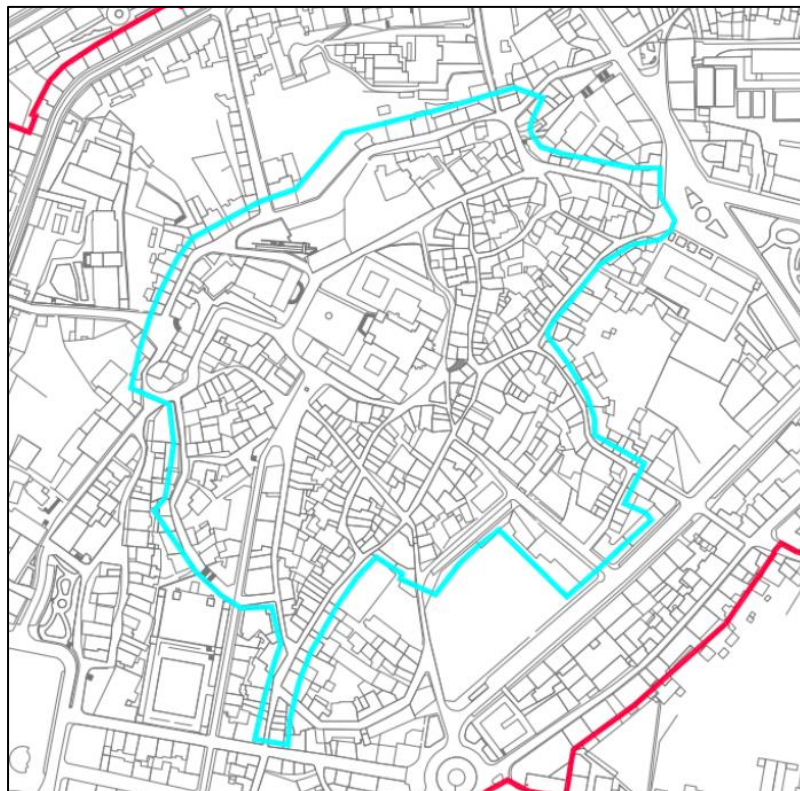
O Centro Histórico é considerado o coração da cidade e do concelho de Viseu.

Viseu é uma cidade portuguesa do distrito homónimo, situada na província da Beira Alta, Região do Centro e sub-região do Dão-Lafões. A cidade de Viseu tem cerca de 50 000 habitantes na sua área urbana e é sede de um concelho com 99 561 (<https://www.cm-viseu.pt/>; https://www.inec.pt/scripts/db_censos_2021.html). Sendo uma das principais cidades da região centro de Portugal continental e a mais populosa das cidades do interior, Viseu tem uma densidade populacional muito acima da média do país.

De modo a identificarmos os limites geográficos da zona histórica de Viseu, solicitámos apoio junto da Viseu Novo – SRU, que nos forneceu o mapa que a seguir apresentamos, correspondente à “Zona de Proteção à Sé de Viseu” (Dec. de 16/6/1910 e D.G. n.º 42, de 19/2/1963), e que abrange uma área equivalente a cerca de 9,40 hectares. Não obstante existiram outras áreas delimitadoras do perímetro do centro histórico (“Zona de Proteção à Escola Emídio Navarro” (D.G. n.º 99, de 24/8/1962) e a “ACRRU – Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística” (Art.º n.º 41 do D.L.

n.º 794/76)), é com base na área representada pela planta fornecida pela Viseu Novo – SRU que centramos a nossa análise.

Planta de Delimitação da Zona Histórica de Viseu (Zona de Proteção à Sé de Viseu – 9,40ha)



Fonte: Viseu Novo, SRU (2022)

2.2. Evolução da População

O concelho de Viseu é constituído por 25 freguesias e o Centro Histórico insere-se na Freguesia de Viseu, cuja população tem vindo a aumentar ao longo dos anos, como podemos observar na tabela que se segue.

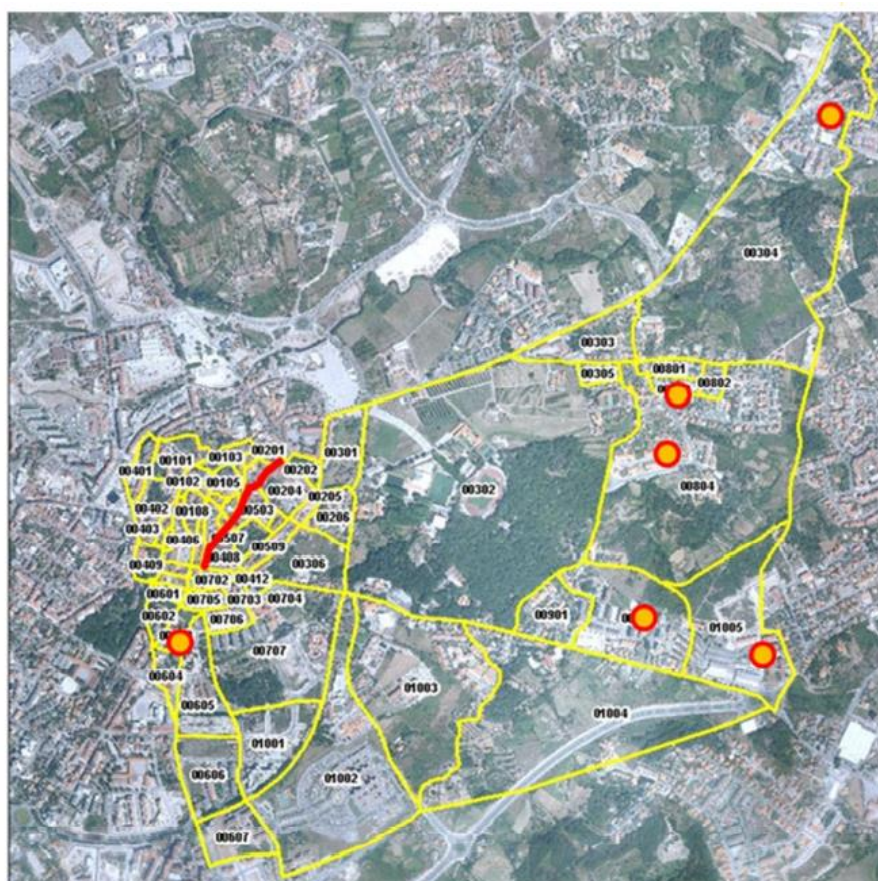
Tabela 4: Evolução do N.º de Habitantes na Freguesia de Viseu			
Anos	2001	2011	2021
Número de pessoas residentes	21 545	23 430	25 804

Fonte: INE, 2022

Em 2001, o centro urbano de Viseu estava dividido em três freguesias: Coração de Jesus, São José e Santa Maria de Viseu e viviam nestas freguesias um total de 21.545 pessoas. Em 2011, este número sobe para 23 430 pessoas residentes. Em 2013, dá-se a reorganização administrativa do território das freguesias portuguesas (Lei nº 11-A/2013), que agrega as três freguesias do centro urbano de Viseu numa única – a União das Freguesias de Viseu. Em 2021, de acordo com os dados provisórios dos CENSUS 2021, disponibilizados no site do INE, a Freguesia de Viseu apresenta um total de 25 804 pessoas, reforçando a tendência anterior de aumento de população.

Os dados relativos ao número de habitantes na freguesia de Viseu não refletem, porém, a desertificação do centro histórico da cidade, já que existe ao longo dos anos um crescimento populacional. A este respeito, Ferreira (2010), ao analisar a evolução do número de habitantes da Freguesia de Santa Maria de Viseu, que era onde se encontrava a zona histórica de Viseu, entre o período de 1960 a 2001, concluiu que entre 1981 e 1991 houve um decréscimo populacional de 618 habitantes nesta freguesia, que coincide com os relatos de perda de importância comercial da zona histórica de Viseu.

De acordo com a autora (idem), a análise dos dados estatísticos de 2001 da então Freguesia de Santa Maria de Viseu, onde se inseria o centro histórico, deixa bem claro que o crescimento populacional da freguesia se deve ao desenvolvimento de outras áreas residenciais dentro da freguesia, mas fora do centro histórico e da área de estudo, tal como podemos observar no mapa que se segue.



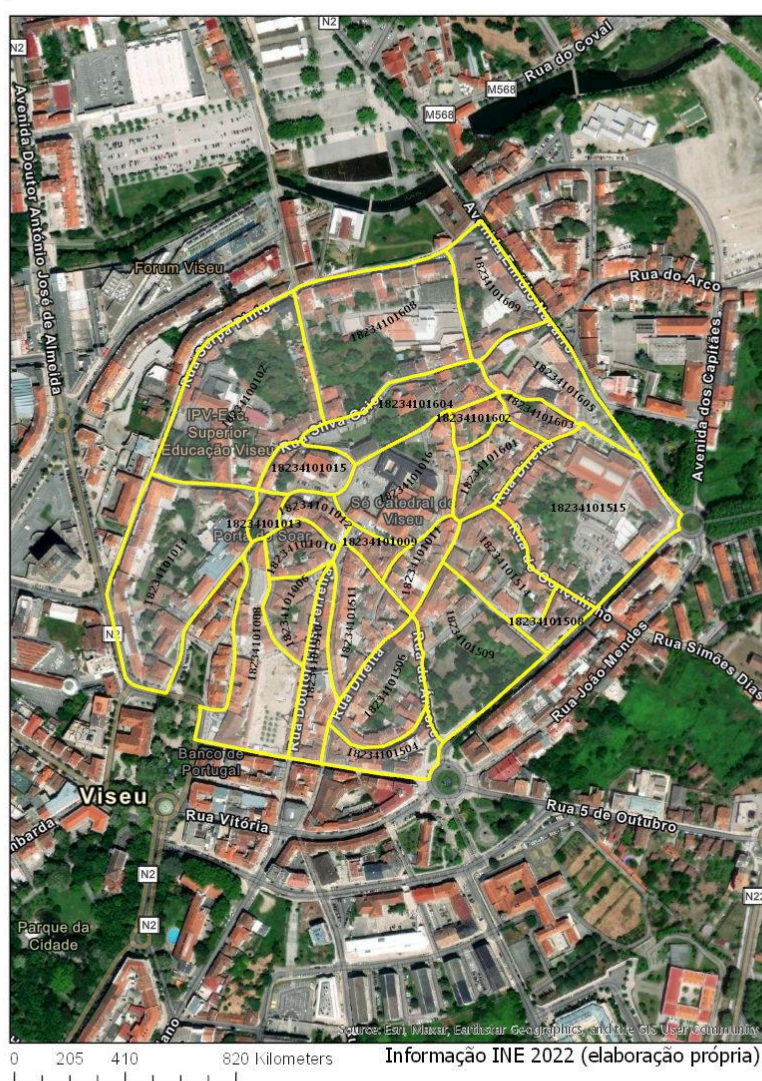
- Rua Direita
- Zonas de crescimento populacional acentuado (> 63,3% de 1991 a 2001)

Fonte: Ferreira, 2010, p. 51

A década seguinte parece não ter sido diferente na inversão desta tendência de perda populacional na zona histórica de Viseu. De acordo com dados do Município de Viseu (2014, p. 6), entre 2001 e 2011, o centro histórico perdeu quase 30 por cento dos seus residentes, apontando-se, em 2014, para cerca de 1300 habitantes nesta área da cidade.

A partir da área delimitada pelo mapa do centro histórico de Viseu que nos foi fornecido pela Viseu Novo – SRU, tentámos junto do Instituto Nacional de Estatística, em particular junto do Gabinete de CENSOS, apurar informação estatística atualizada e específica sobre esta área da cidade. Uma vez que a disponibilização dos resultados definitivos dos Censos 2021 está prevista para o 4º trimestre de 2022 e os dados provisórios disponíveis online referem-se à globalidade da freguesia, obter dados estatísticos para uma realidade com este nível de detalhe geográfico implicou identificar as 26 subsecções estatísticas que integram a delimitação do centro histórico, tal como se apresentam no mapa seguinte.

Mapa da Zona Histórica de Viseu



Face a cada uma das 26 subsecções que integram o perímetro da zona histórica, identificadas no mapa anterior, apenas foi possível obter informação sobre quatro totalizadores (dados provisórios dos Censos 2021) de quatro unidades estatísticas: Indivíduos; Agregados; Edifícios e Alojamentos, cujos dados passamos a apresentar na tabela seguinte.

Tabela 5: Totalizadores 2021 por subsecção que integra a zona histórica de Viseu

Número de identificação BGRI2021 (INE)				
Identificação da subsecção	Nº de Edifícios clássicos	Nº de Alojamentos	Nº de Agregados	Nº de Indivíduos residentes
18234100102	21	45	29	54
18234101006	7	21	14	27
18234101008	17	67	51	90
18234101009	11	31	20	34
18234101010	9	31	17	28
18234101011	22	34	26	41
18234101012	11	41	17	24
18234101013	6	9	6	9
18234101014	20	120	85	154
18234101015	5	7	5	10
18234101016	13	33	24	60
18234101504	11	25	12	30
18234101506	17	49	28	55
18234101508	9	23	11	23
18234101509	10	19	12	18
18234101510	10	20	8	13
18234101511	27	69	37	71
18234101514	18	57	36	71
18234101515	32	111	67	130
18234101601	30	75	45	89
18234101602	7	13	6	14
18234101603	14	24	13	22
18234101604	9	26	18	44
18234101605	19	60	38	68
18234101608	22	77	45	101
18234101609	8	20	14	27
Totais das 26 subsecções da área de estudo	385	1107	684	1312

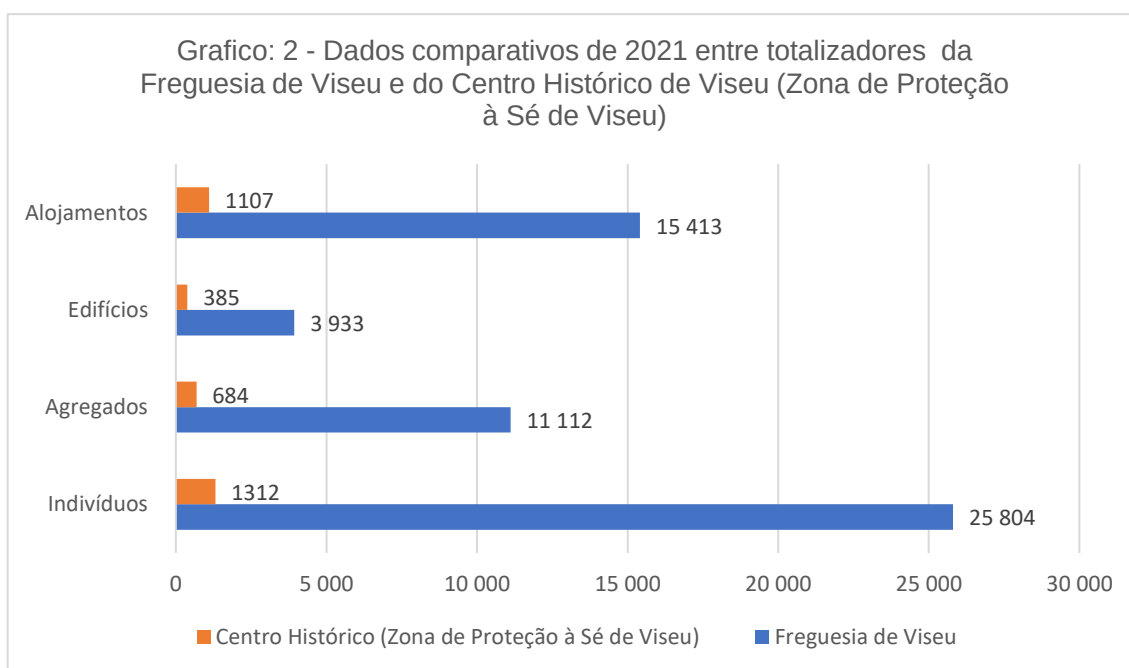
Fonte: INE, Base Geográfica de Referenciação Espacial, 2022 (elaboração própria)

Como não é claro o grau de rigor da delimitação da zona histórica de Viseu no mapa fornecido (afastado do eixo de via), foram incluídas todas as subsecções que intersectassem a área na delimitação. Assim sendo, nos Censos de 2021, apenas se pode fazer uma aproximação à população residente nas subsecções envolvidas, uma vez que estas não coincidem totalmente e integram uma área superior à delimitação da Zona de Proteção à Sé de Viseu.

Feita esta ressalva e analisando os dados, constata-se que o número de residentes no centro histórico de Viseu (Zona de Proteção à Sé de Viseu) é, em 2021,

de aproximadamente 1300 indivíduos distribuídos por cerca de 684 agregados. Ou seja, não se regista um acréscimo populacional face às acentuadas perdas ocorridas nas décadas anteriores.

Na impossibilidade de aceder à informação de 2021 sobre a distribuição da população residente no centro histórico por grupo etário, sexo, estado civil, nível de ensino, ocupação, bem como das atividades económicas e culturais ali presentes, e assim perceber esta evolução no tempo, apresentamos de seguida um gráfico comparativo dos dados de 2021 entre a freguesia de Viseu e o centro histórico de Viseu (zona de proteção à Sé de Viseu) face aos 4 totalizadores disponíveis (Indivíduos; Agregados; Edifícios e Alojamentos).



Para a freguesia de Viseu, com 9,96 km² de área (996ha) e 25 804 residentes, os residentes da zona de proteção à Sé de Viseu (9,40ha) representam 5,1% da sua população. Estes residentes encontram-se distribuídos por 684 agregados, que representam 6,2% do total de agregados que compõem a Freguesia. Ao nível do edificado, a Freguesia de Viseu apresenta em 2021 um total de 3933 edifícios, evidenciando um decréscimo de 3% face ao ano de 2011, dos quais 9,8% (ou seja, 385) estão inseridos no centro histórico da cidade. A maior parte dos edifícios que integram o território da Freguesia de Viseu são de construções entre os anos de 1961 e 2000, evidenciando a presença de uma proporção significativa de edifícios mais antigos, não sendo possível o apuramento destes mesmos dados para o centro histórico de Viseu. Quanto aos alojamentos, a Freguesia de Viseu regista, em 2021, um acréscimo de 6% comparativamente a 2011, com um total de 15 413 alojamentos, e a zona histórica de proteção à Sé representa 7,2% desse valor (ou seja, 1107 alojamentos).

3. ANÁLISE DA PERCEÇÃO CIDADÃ

Até ao momento, o relatório apresenta uma caracterização quantitativa e descritiva de aspetos geográficos e demográficos respeitantes à zona histórica de Viseu e à Freguesia de Viseu. A partir da informação obtida destes dados secundários, a investigação inicia uma aproximação à realidade da zona histórica de Viseu.

É a partir deste momento que se faz uma avaliação das informações obtidas com as técnicas participativas utilizadas ao longo do processo diagnóstico. Assim, apresentamos a seguir a interpretação qualitativa da realidade da zona histórica de Viseu, a partir da análise de oficinas participativas, entrevistas de rua e entrevista semiestruturada. Com esta perceção qualitativa sobre os diferentes atores sociais do centro histórico de Viseu, pretende-se adquirir uma informação mais ampla e diferenciada, que permita contrastar e complementar os dados obtidos com técnicas quantitativas e aprofundar o nível de conhecimento sobre a realidade. Assim, através da análise das diferentes técnicas qualitativas e participativas aplicadas, será possível aprofundar a conceptualização e o grau de conhecimento da opinião cidadã sobre a atual situação da zona histórica de Viseu.

3.1 Análise dos Problemas e Potencialidades Identificados

No dia 26 de fevereiro de 2022, entre as 16h e as 19h30m, teve lugar no salão da Associação Comercial do Distrito de Viseu a primeira oficina autodiagnóstica. Ao evento compareceram 30 participantes, incluindo representantes institucionais, associativos, empresariais e moradores particulares. Os participantes foram divididos aleatoriamente por dois subgrupos que trabalharam separadamente durante 1h 15m, a que se seguiu o plenário de reflexão conjunta, a constituição dos órgãos de participação e um lanche convívio.

3.1.1 Análise da Linha do Tempo

A técnica aplicada com um dos grupos foi a “Linha do Tempo” que consistiu numa “visita ao passado”, na qual os 13 participantes foram convidados a partilhar memórias e histórias da zona histórica, contribuindo assim para a criação de um mapa de memórias, retrato afetivo dos lugares e das gentes que o habitaram. De uma forma lúdica e apreciada pelos participantes, a técnica desencadeou muitas interações em torno de memórias coletivas, despoletando interesse e união pela história do local.

A sua implementação permitiu o mapeio temporal do centro histórico (O que havia antes neste espaço? O que se passou ali? Como se foi transformando com o tempo?). Numa segunda fase, e de modo alicerçado nos relatos do passado, procurou-se compreender o presente, e o que neste são recursos e problemas.



A linha do tempo iniciou em 1950, começando por evocar o Mercado 2 de maio, e termina no ano de 2022, lembrando o mesmo espaço, deixando bem claro a sua importância para a vida local da comunidade. Este mercado era um espaço muito importante, para onde convergiam as pessoas da cidade à procura dos bens de primeira necessidade, sobretudo agrícolas, que ali eram vendidos pelos agricultores. Na década de 90, este mercado foi deslocado para outra zona da cidade, gerando muita polémica e descontentamento por parte dos comerciantes da zona histórica, população da cidade e por parte dos próprios vendedores de produtos agrícolas provenientes das aldeias, que não se identificavam com o novo espaço. Este deslocamento foi considerado pelos participantes um fator de muito peso na perda de dinamismo do centro histórico de Viseu. Atualmente o mercado 2 de maio encontra-se encerrado para requalificação. Com a intervenção prevê-se a cobertura e a requalificação de todas as frações do edifício envolvente da praça, instalação de um sistema AVAC (aquecimento, ventilação e ar condicionado), infraestruturas adequadas à realização de concertos e espetáculos, com um sistema multimédia de funcionamento regular, com zona de restauração. A população aguarda expectante a reabertura do espaço.

Os relatos, apresentados na tabela que se segue, evocaram a identidade do centro histórico em seus eventos culturais e religiosos, seus edifícios, lugares e espaços, suas pessoas e organizações e sobre os modos de vida e atividades económicas, nos seus aspetos positivos e negativos, segundo a percepção dos participantes.

Tabela 6: Relatos dos participantes através da técnica “Linha do Tempo”

Décadas	Aspetos Positivos	Aspetos Negativos
1950-1960	1. Mercado 2 de Maio 2. A educadora Chiquinha (por detrás do Museu Grão Vasco) 3. Lar de Santo António 4. Mercearia Cristos (Rua Direita) 5. Mercearia do Amaral (Rua Direita) 6. Pastelaria Santos 7. Taberna do Boquinhos	
1960-1970	1. Ourivesaria Brinca 2. Ourivesaria Nascimento 3. Sede do Clube Académico de Viseu 4. Centro de Recrutamento Militar	1. Demolição do Teatro Avenida
1970-1980	1. Sapataria Custódio 2. Aquisição do Solar dos Peixotos pela Câmara Municipal de Viseu 3. Casa do Hilário 4. Corte de trânsito na Rua Formosa	
1980-1990	1. Mercearia Santa Cristina 2. Agrupamento de Escuteiros 102 – Santa Maria 3. Café Santa Rita 4. “A Castiça” – figura viseense 5. Teatro Viriato	1. Terminam as Festas de Santo António 2. Encerramento do Cine- Rossio 3. Poluição visual (infraestruturas colocadas nas paredes)
1990-2000	1. Reabilitação do parque da cidade 2. Restaurante o “Cortiço” 3. Casa da Boneca (comércio) 4. Café Bocage 5. Reabilitação da Praça D. Duarte 6. Irish Bar (1998) 7. Casa da Sorte 8. Fotógrafos de referência (Ayres, Batalha e Germano)	1. Saída da Guarda Nacional Republicana (GNR) da Prebenda. 2. Encerramento do Mercado 2 de Maio 3. Mudança do Orfeão (deixa a Rua Direita) 4. Fecho do Café Santa Cruz
2000-2010	1. Cáritas Paroquial de Santa Maria de Viseu 2. Construção do Funicular 3. Recuperação da Casa do Bispo 4. Preservação de parte da muralha da cidade na Rua Formosa	1. Encerramento do Pastelaria Horta 2. Saída do Instituto Liberal 3. Falta de estacionamento 4. Falta de lojas comerciais “âncora”
2010-2022	1. Reabilitação do Centro Histórico 2. Reabilitação do Hotel Palácio dos Melos 3. Reabertura do Museu Almeida Moreira (2012) 4. Cinema ao ar livre 5. Casa da Sé – 1º Hotel de Charme no Centro Histórico 6. Jardins Efémeros 7. Recuperação da Casa da Calçada e instalação da Escola Profissional Mariana Seixas (2015) 8. Museu da Cidade (2018) 9. Reabilitação dos Edifícios envolventes da Praça D. Duarte 10. Instalação da Freguesia de Viseu no Solar dos Peixotos e reabilitação do edificado 11. Viseu Folk 12. Cubo Mágico 13. Recuperação da Casa das Bocas e instalação de Unidade de Saúde Familiar 14. Museu Keil Amaral (2021) 15. Requalificação do Mercado 2 de Maio	1. Fecho da Casa da Boneca 2. Saída da EDP (Energias de Portugal) 3. Insegurança 4. Desertificação da Rua Direita e Rua Escura

Relativamente ao passado mais distante apontando pelos participantes, é possível perceber que a zona histórica de Viseu representava indiscutivelmente, para a cidade e região, o centro fulcral do comércio, da vida económica, do encontro social com manifestações de natureza cultural.

Ao longo das décadas que compõem a linha do tempo, foram recordados pelos participantes vários estabelecimentos comerciais que aí existiam (atualmente extintos) e que traziam a esta área da cidade muitas pessoas, reforçando a ideia do comércio como “um elemento decisivo da paisagem urbana e da imagem que dela se guarda (...) facilitando assim a apropriação e o uso dos espaços pelos cidadãos [...]” (Salgueiro, 1996, cit. Ferreira, 2010, p. 19).

A título ilustrativo da dinâmica existente no centro histórico de Viseu nas décadas de 60, 70 e 80, apresentamos as fotografias que se seguem.



Fonte: Ferreira, 2010

Esta realidade contrasta com a situação atual em que se denuncia a gradual perda de importância do comércio local que, por sua vez, conduziu à progressiva desertificação e degradação do centro histórico. Fica realçada a relevância da atividade comercial como instrumento de desenvolvimento, que impulsiona o crescimento das cidades e acompanha e atrai o fluxo e a fixação populacional. O aparecimento de novos polos comerciais na cidade, a alteração nas preferências ao nível do consumo, a vulgarização do uso automóvel e a procura de conforto que as grandes superfícies podem oferecer, são algumas das razões identificadas e comentadas pelos participantes.

Foram também identificadas figuras de referência, que ainda hoje marcam a memória coletiva da zona histórica de Viseu, e foram lembradas pelos mais velhos que contaram as vivências desta área da cidade na última metade do século XX. É o caso da “Chiquinha”, conhecida explicadora da década de 50, que acolhia na sua casa, as crianças depois da escola e as ajudava nas tarefas escolares e o caso da “Castiça” que frequentemente subia e descia a Rua Direita, com os seus praguejos e insultos dirigidos ao acaso ou cantando um fado triste e cambaleante.

A lembrança saudosista revelada por alguns participantes sobre estas figuras originais com quem conviveram, contrasta, na atualidade, com o desconhecimento dos

novos vizinhos, provocado por situações de realojamento recente, migração ou alojamento periódico.

Em relação a aspetos culturais, foram evocados importantes espaços e movimentos, sedeados no centro histórico de Viseu que, ao longo do tempo, encerraram portas ou foram para outros pontos da cidade. É o caso do Orfeão de Viseu, do Cine-Rossio e do Teatro Avenida. No caso do Orfeão, de acordo com Ferreira (2010, p. 98), há registos na década de 70 e 80 da realização de bailes de convívio destinados aos sócios.



Fonte: Ferreira, 2010, p. 87

No que diz respeito a festas e tradições, foram relembradas as festas populares de Santo António, que, entretanto, deixaram de se realizar, mas que continuam a pertencer ao imaginário dos habitantes que as recordam. No mês de junho, eram festejadas as Festas de Santo António na zona histórica de Viseu, no largo Mouzinho de Albuquerque, com conjuntos musicais que animavam a festa. Enfeitavam-se alguns troços das ruas com bandeirinhas e balões de papel, como se pode observar na fotografia que se apresenta.



Numa tentativa de reativar a tradição, a Freguesia de Viseu promoveu, no ano de 2022, as Festas de Santo António.

Foto: Ferreira, 2010, p. 87

A linha do tempo dá-nos conta que as festas e tradições no passado, relevantes espaços de socialização e construção de identidade coletiva, dão lugar, desde o início do século XXI, a uma renovada e crescente aposta, por parte da Câmara Municipal de Viseu, na criação e reabilitação de espaços culturais (Museu Almeida Moreira; Museu da Cidade; Museu Keil Amaral), e na criação de novos eventos culturais, ligados à criatividade, inovação e promoção turística (“Jardins Efémeros”, “Cubo Mágico”, “Viseu Folk”, cinema ao ar livre, etc.). Este esforço de reabilitação do centro histórico, com forte potencial turístico, é, contudo, sentido por alguns moradores como benéfico e especialmente dirigido para quem lá vai e não tanto para quem lá vive.

“A zona histórica tem eventos muito importantes e bonitos para quem lá vai, mas não para quem lá vive”.

De igual modo, este sentir parece refletir-se também no que diz respeito aos espaços e ofertas culturais existentes.

“O público dos museus é sobretudo o turismo sénior não residente em Viseu e o público escolar”.

“O teatro viriato e outros coletivos emergentes promovem sobretudo eventos culturais de nicho, aos quais vão sempre as mesmas pessoas, não se alargam à comunidade.”

Assim, as recentes dinâmicas culturais no centro histórico, com implicações nas relações sociais, parecem pouco contribuir para o fortalecimento do sentido de comunidade dos moradores. Ao conhecer estas perceções, facilmente se reconhece a necessidade de criar condições para o maior envolvimento dos moradores e demais atores locais na vida cultural do centro histórico, de modo a que possam desenvolver um maior sentido de pertença ao local e criar relações vicinais solidárias, com benefícios na resolução ou amenização dos problemas. Perante este cenário algumas questões de levantam: Como gerar espaços interculturais que propiciem o encontro, a escuta, o respeito e a ampliação de práticas de cuidado solidárias? Como gerar formas de expressão originais e criativas para comunicar as posições e reivindicações de cada um?

Sobre este aspeto realçamos, uma vez mais, a importância de colocarmos as pessoas no centro dos projetos, tornando-as protagonistas das ações, algo que só se torna possível através da participação. Bom exemplo de mobilização e participação podem ser os movimentos associativos, uma vez que partem do local para o local.

Ao longo das décadas que constituem a linha do tempo, os participantes foram identificando o surgimento de algumas organizações atualmente existentes no centro histórico, cujas respostas visam prestar apoio na resolução dos problemas e colmatar necessidades existentes na comunidade local e não só (Lar de Santo António; Académico de Viseu; Agrupamento de Escuteiros; Cáritas Paroquial de Santa Maria de Viseu e, mais recentemente, a Escola Profissional da Fundação Mariana Seixas). Estas organizações, fazendo parte da identidade do local, são vistas pelos participantes como espaços de cuidado e foram, por isso, consideradas aspetos positivos na zona histórica de Viseu e fator de desenvolvimento.

Foi ainda destacado como aspeto positivo, sobretudo na última década, o processo de reabilitação do edificado nesta área da cidade, da responsabilidade da autarquia local e, em particular, da empresa municipal Viseu Novo - Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU).

3.1.2 Análise do Mapa cognitivo com grupo heterogéneo

Com o outro grupo, constituído por 16 pessoas, foi aplicada a técnica “Mapa Cognitivo”, que permite cruzar conhecimentos de diferentes assuntos e aponta conhecimentos que nos permitem compreender e sinalizar vários aspetos da realidade. Através do processo de intercâmbio de saberes que a técnica propicia, vai-se elaborando uma visão territorial crítica, produto das diversas opiniões e conhecimentos compartilhados, que modifica a representação inicial de cada um. O Mapa Cognitivo parte de um tema central (O que conhecemos da realidade da zona histórica de Viseu? O que conhecemos da população e das suas problemáticas gerais?). A sua implementação consistiu na identificação de aspetos positivos e negativos da atual

realidade do centro histórico de Viseu, que se dividiram em subcategorias pré-definidas representadas por ícones e colocados sobre o mapa do território em análise.



As potencialidades e os problemas identificados pelos participantes apresentam-se em seguida por subcategorias de análise.

ESPAÇOS

1. Bons espaços para eventos no largo da Sé
2. Limpeza das ruas

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Quantidade de restaurantes e cafés – zonas de lazer
2. A zona histórica tem atraído novos serviços (serviços públicos/SMAS, escola profissional; incubadora do centro histórico)
3. Reabilitação do edificado também por iniciativa privada de novas gerações
4. Apoio do município à qualificação dos estabelecimentos comerciais da Rua Direita (Programa de Dinamização do comércio local)
5. Arrendamento acessível
6. Espaços de diversão noturna e restauração
7. Espaços de restauração e cafés

MODOS DE VIDA E CONVIVÊNCIA

1. Cinema ao ar livre
2. Festival de Folclore

3. O evento “Jardins Efémeros” é uma boa aposta, mas, passageira

PROBLEMAS DE CONVIVÊNCIA, IDENTIDADE E VALORES

1. Falta de cultura de participação entre os comerciantes da zona histórica (sempre que são convocados para reuniões e assembleias não comparecem)
2. Resistência dos comerciantes da zona histórica em acompanhar a evolução e inovar
3. Falta atrair jovens
4. Consumo de álcool e mau ambiente
5. Barulho noturno e falta de policiamento
6. Sentimento de insegurança das pessoas à noite
7. Desertificação: as pessoas fugiram para bairros mais modernos
8. A zona histórica tem eventos muito importantes e bonitos para quem lá vai, mas não para quem lá vive. À custa desses eventos, fecham ao trânsito na zona histórica e os moradores e trabalhadores sofrem com isso e demonstram resistência.
9. Casais jovens e novas famílias não conseguem estabelecer-se lá porque as rendas são caras e não tendo estacionamento as pessoas acabam por ir embora.
10. Perdeu-se a tradição das Festas de Santo António.
11. Os museus da zona histórica são visitados e usufruídos sobretudo por seniores não residentes em Viseu e público escolar.
12. Pouca oferta cultural, além da diversão noturna (bares)
13. Pouca oferta de outras atividades culturais
14. Pouca informação histórica
15. Falta informação histórica e apropriação dela pelos cidadãos
16. Pouco investimento chamativo
17. Pouca promoção do espaço
18. Diminuiu a quantidade de pessoas a circular
19. Pouco movimento de pessoas durante o dia

FALTA DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Não sabemos tirar partido da beleza que temos
2. Faltam flores nas varandas dos edifícios antigos.
3. Falta iluminação para evidenciar as fachadas bonitas dos edifícios
4. Falta iluminação
5. Estabelecimentos comerciais de luzes apagadas
6. Montras de lojas iguais há 6 anos
7. Falta uma caixa multibanco na zona da Sé
8. Pouco investimento
9. Comércio tradicional pouco atrativo
10. Pouca atratividade do comércio, sobretudo na rua direita
11. Faltam serviços e comércio âncora, para que as pessoas sejam obrigadas a frequentar o centro histórico durante o dia
12. Falta comércio âncora para atrair pessoas
13. Falta estacionamento
14. Faltam estacionamentos públicos
15. Falta o mercado 2 de maio que dava muita vida ao centro
16. Faltam jardins de infância para as crianças
17. Faltam parques infantis ou atrações de rua para as crianças

18. Inflação imobiliária
19. Acessos difíceis e distantes
20. Acesso a garagens e estacionamento
21. Prédios devolutos
22. Faltam palcos móveis para eventos
23. Faltam montras mais atrativas e iluminadas
24. Restaurar os prédios degradados
25. Rendas altas e abandono do comércio
26. Faltam estacionamentos para veículos dos moradores e clientes do comércio local
27. Parque de estacionamento de Santa Cristina privado e muito caro
28. As grandes superfícies vieram limitar muito o comércio tradicional e este não acompanhou essa evolução
29. Melhorar a iluminação

INSEGURANÇA

1. Falta policiamento, sobretudo noturno, nas zonas de lazer
2. Falta policiamento junto da escola profissional Mariana Seixas
3. Falta segurança e policiamento
4. Sensação de insegurança dos comerciantes quando à noite fecham as lojas.
5. Falta policiamento para atenuar o sentimento de insegurança das pessoas
6. Falta de segurança não só na zona histórica

FALTA DE MANUTENÇÃO

1. Falta de limpeza nas grelhas de escoamento de água nas ruas
2. Necessidade de reparar a escadaria da Igreja da Misericórdia

FALTA DE LIMPEZA

1. Falta aplicar a legislação sobre beatas
2. Faltam árvores e limpezas do ambiente.
3. Excesso de beatas na rua
4. Falta de limpeza junto dos prédios devolutos

Com este grupo heterogéneo foram recolhidas 72 opiniões, sendo que destas, 12 relacionam-se com aspetos positivos e 60 dizem respeito a aspetos negativos ou a melhorar na zona histórica de Viseu.

Em relação às potencialidades da zona histórica de Viseu, foram reconhecidos pelos participantes aspetos como os bons espaços para eventos ao ar livre e a limpeza das ruas; a quantidade de infraestruturas e equipamentos de lazer (sobretudo noturno), restauração e cafés; a reabilitação do edificado por iniciativa pública ou privada; o desenvolvimento de políticas e programa de apoio da Câmara Municipal de Viseu ao comércio local, a implementação de novos serviços e os novos eventos culturais.

No que diz respeito aos problemas do centro histórico, é ao nível das subcategorias “Problemas de Convivência, Identidade e Valores” e “Falta de Investimento em Infraestruturas e Equipamentos” que se concentra o maior número de itens. A maioria dos problemas da zona histórica de Viseu detetados pelos participantes

(80%) incluem-se numa destas duas subcategorias, sugerindo que se tratam dos principais problemas sentidos.

Em termos de “problemas de convivência, identidade e valores” somam-se 19 itens associados a problemas como a desertificação; rendas elevadas e dificuldade em fixar novas famílias; perda de tradições e do sentido de pertença ao local; oferta cultural muito voltada para o exterior (para quem visita) ou para a diversão noturna; barulho noturno; degradação das relações interpessoais; consumo de drogas; sentimento de insegurança e falta de policiamento; isolamento dos comerciantes; dificuldades em inovar; diminuição do número de pessoas a circular durante o dia.

Quanto à “falta de investimento em infraestruturas e equipamentos”, são apontados 29 itens, entre eles, problemas de falta de iluminação das ruas e dos edifícios; falta de estacionamento; parque de estacionamento muito caro; comércio tradicional pouco atrativo; encerramento de lojas; falta de lojas âncora para atrair pessoas; falta de parques ou atrações de rua para as crianças; prédios devolutos ou degradados; rendas muito elevadas.

Para além destes problemas principais, existem outros, citados pelos participantes, que também são relevantes. São apontados problemas relacionados com falta de manutenção e limpeza das ruas e dos edifícios e a insegurança e falta de policiamento na zona histórica de Viseu.

“Sobretudo no inverno, em que anoitece cedo, tenho um sentimento de insegurança quando à noite fecho a minha loja.”

3.1.3 Estendal dos Desejos

No dia 22 de março de 2022 realizou-se uma ação de rua no Centro histórico de Viseu, naquela que foi, durante séculos, a principal artéria comercial da cidade - a Rua Direita. A técnica implementada foi o “estendal dos desejos”, com o objetivo de dar visibilidade ao processo e escutar *in loco* mais pessoas sobre necessidades e potencialidades desta zona da cidade. Convidámos quem passava pela Rua Direita a construir este estendal e uma corda encheu-se de comentários e sugestões (desejos) dos participantes.

Foram recolhidas 87 opiniões, incluindo algumas propostas de ação.

Ainda que o “estendal dos desejos” seja uma técnica pouco vocacionada para a análise em profundidade dos problemas, permite a participação de mais pessoas e a recolha de opiniões sobre as perceções mais imediatas dos inquiridos acerca do objeto de estudo e faz com que as conversas das pessoas se concentrem nessas questões (as incluam na sua “agenda”), complexificando as análises mais superficiais.

O estendal dos desejos recolheu opiniões de pessoas que trabalham, estudam, visitam ou simplesmente passam pelo centro histórico de Viseu.



À semelhança do que aconteceu com a técnica do “Mapa Cognitivo”, os dados recolhidos através do “estendal dos desejos” prendem-se com a perceção dos participantes sobre os aspetos positivos e os aspetos negativos da realidade atual do centro histórico de Viseu. Após uma primeira leitura dos dados recolhidos, estes foram agrupados pelas mesmas categorias e subcategorias de análise utilizadas e descritas anteriormente, uma vez que continuaram a revelar-se adequadas, tal como se apresenta de seguida.

ESPAÇOS

1. Florido e apelativo
2. O valor histórico do Centro da Cidade nada tem a ver com as grandes superfícies
3. Beleza do lugar e a sua história
4. Boa localização

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Apoios autárquicos na recuperação do edificado
2. Recuperação dos edifícios e estética atual
3. Acesso a vários cafés
4. Concentração de serviços e comércio
5. Pontos de informação histórica com diferentes línguas
6. A beleza das fachadas em pedra dos edifícios antigos
7. Boa localização da Escola Profissional Mariana Seixas
8. Bastante restauração

9. Boa decoração
10. A estética dos edifícios e as suas características originais
11. Atrativo turístico
12. Implantação da Escola Profissional Mariana Seixas na Rua Direita
13. A CM de Viseu tem feito um ótimo trabalho nesta zona
14. Recuperação do edificado

MODOS DE VIDA E CONVIVÊNCIA

1. Bom ambiente das pessoas

PROBLEMAS DE CONVIVÊNCIA, IDENTIDADE E VALORES

1. Falta de educação dos jovens à noite
2. Rua direita triste
3. Gostava de ver a Rua Direita como era primeiro
4. Desertificação
5. Falta de divulgação e conhecimento
6. Problemas de alcoolismo
7. Desertificação de locais que sempre foram de referência para a cidade
8. Sentimento de saudosismo pelo que era primeiro a zona histórica
9. Perdeu-se o sentimento de identidade visiense
10. Falta de movimento nas ruas
11. Degradação do ambiente na Rua Direita (piorou com a entrada da Escola Profissional Mariana Seixas – os alunos fazem muito barulho nas ruas)
12. Os políticos só vêm à rua direita quando andam em campanha
13. Pessoas antipáticas
14. Relação interpessoal negativa entre as pessoas
15. Desertificação
16. A Rua Direita é o ex-libris da cidade e deveria haver mais interesse
17. Barulho das obras
18. Barulho dos bares

FALTA DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Falta de comércio local
2. Comércio local com pouca representação
3. Especulação imobiliária (rendas caras)
4. Envelhecimento dos moradores, sem dinheiro para investir nas suas casas
5. Falta revitalizar o comércio
6. Falta de caixas multibancos
7. Falta de lojas de lembranças
8. O comércio está morto
9. O comércio tradicional não é valorizado
10. Lojas fechadas na Rua Direita
11. Comércio local em decadência
12. Muitas lojas fechadas
13. Fecho das lojas na Rua Direita em particular
14. Poucos bares
15. Falta de estacionamento e transportes públicos
16. Rua Direita deserta
17. Rua deserta
18. Faltam iniciativas de apoio ao comércio

19. Cada vez fecham mais lojas
20. Muitas lojas fechadas

INSEGURANÇA

1. Falta de Policiamento noturno
2. Falta de controlo cívico e policiamento noturno
3. Falta de segurança
4. Falta policiamento à noite

FALTA DE MANUTENÇÃO

1. Rua Direita muito degradada em relação aos fios elétricos
2. Rua cheira mal, problemas de saneamento
3. Poças na rua
4. Problemas de manutenção da via pública (tampas da EDP, comunicações).

FALTA DE LIMPEZA

1. Falta mais limpeza dos edifícios públicos
2. Sujidade dos fios de eletricidade que atravessam a rua direita
3. Falta limpeza das varandas dos prédios devolutos, que põem em risco a saúde pública

A leitura destes dados permite-nos perceber que, de um modo geral, os aspetos positivos e negativos destacados pelos participantes no ‘Estendal dos Desejos’, são muito idênticos aos referidos pelos participantes dos dois grupos anteriores. Foram recolhidas 19 opiniões sobre aspetos positivos do centro histórico de Viseu e 49 opiniões sobre aspetos negativos ou a melhorar.

A beleza, a centralidade e a riqueza do património histórico e arquitetónico do lugar são apontados como aspetos positivos. É também mencionado o apoio da Câmara Municipal de Viseu na recuperação do edificado e o atrativo turístico do lugar.

“A Câmara Municipal de Viseu tem feito um ótimo trabalho nesta zona.”

Porém, uma vez mais, são as subcategorias “problemas de convivência, identidade e valores” e “falta de investimentos em infraestruturas e equipamentos” as que reúnem um maior número de opiniões recolhidas junto dos transeuntes. 77,5% dos aspetos negativos identificados pelos participantes incluem-se numa destas duas subcategorias, reforçando a sua relevância. Destacam-se os problemas associados à desertificação do centro histórico de Viseu, ao barulho, à degradação do ambiente relacional entre as pessoas, incluindo com jovens estudantes. Os discursos de alguns refletem ainda um sentimento de tristeza e saudosismo pelo que era no passado a zona histórica. No que toca à “falta de investimento em infraestruturas e equipamentos” salienta-se a falta de pujança do comércio local, o encerramento de lojas, a falta de estacionamento e transportes públicos, as casas degradadas e as rendas elevadas.

Foram ainda referidos problemas de falta de policiamento noturno, de falta de manutenção e limpeza dos espaços, corroborando os dados anteriormente recolhidos.

3.1.4 Mapa cognitivo com moradores

Face a esta confluência de dados, importava ouvir, de forma mais consistente, os moradores e pôr em contraste ou em relação as opiniões daqueles que habitam na zona e daqueles que passam por ela.

Para tal foi solicitado apoio à Cáritas Paroquial de Santa Maria de Viseu, uma organização local que presta apoio direto aos moradores da zona histórica, que se converteu em interlocutor central nas convocatórias para ouvirmos as vozes dos moradores e na cedência do espaço para a realização do evento.

No dia 25 de março de 2022 decorreu a oficina de autodiagnóstico, com a presença de 9 moradores da zona histórica (3 homens e 6 mulheres).



A técnica implementada foi o “mapa cognitivo”. Através desta oficina foi possível conhecer melhor a realidade da zona histórica do ponto de vista dos moradores e identificar alguns problemas desconhecidos pela Freguesia de Viseu, e que, até ao momento, ainda não se tinham revelado nas sessões de autodiagnóstico, assim como recolher algumas propostas de ação.

Uma vez mais, as categorias predefinidas foram mantidas por se revelarem ajustadas.

Apresentamos de seguida a informação recolhida por subcategoria.

ESPAÇOS

1. Espaços Verdes
2. Espaços verdes

3. Gosto do sítio e da paisagem
4. Andar a pé
5. Andar a pé
6. Andar a pé

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Estou perto de coisas para a minha vida, tais como café, mercearias, lojas, etc.
2. Estou perto do centro da cidade e dos serviços
3. Espaços Culturais
4. Os cafés são bons, eu gosto muito de passear pelos jardins que há cá.
5. Comércio
6. Os monumentos e espaços culturais
7. Centralidade e proximidade dos serviços
8. Muitos serviços perto
9. Serviços perto
10. Igrejas

MODOS DE VIDA E CONVIVÊNCIA

1. Espetáculos na primavera e verão
2. Boa convivência
3. Apoio social da Cáritas e a sua proximidade
4. O ambiente dos vizinhos é bom, eu gosto de cá morar
5. Gosto do ambiente
6. O ambiente com vizinhos é bom, é bom estar no centro da cidade
7. Ambiente entre vizinhos é bom

PROBLEMAS DE CONVIVÊNCIA, IDENTIDADE E VALORES

1. Barulho excessivo e falta de controlo do horário de encerramento dos bares
2. Duas discotecas em funcionamento que nada acrescentam à zona histórica, bem pelo contrário
3. O barulho noturno provocado pelas praxes académicas que têm lugar na zona histórica
4. Barulho noturno dos utilizadores de bares e discotecas quando saem
5. A minha casa é boa, só que há muito barulho dos bares
6. Bares a funcionar até às 7 da manhã quando o horário é até às 2h, a funcionar em caves que não estão licenciadas
7. Bares com DJ até ao fecho dos bares
8. Dentro dos edifícios dos moradores existem também armazéns dos bares e é um bate de porta a toda a hora
9. A zona histórica é muito barulhenta, colunas de música afixadas pelos proprietários dos bares nas frontarias dos prédios, barulho intenso das motos
10. Barulho dos bares, sem respeito pelo repouso a que temos direito
11. Tenho muita dificuldade em sair de casa porque os bares ocupam os passeios com esplanadas e cães
12. Quantidade e dimensão das esplanadas que impedem a circulação de pessoas e a entrada dos moradores nas suas habitações
13. Vandalização do espaço público por parte dos jovens estudantes
14. Portas vandalizadas, tocam às campainhas quando saem dos bares
15. Portas vandalizadas
16. Portas vandalizadas

17. Moradores passeiam os cães depois da meia noite
18. Situações que põem em causa a saúde pública
19. Fecho ao trânsito do centro histórico para a realização de eventos de rua compromete o trabalho desenvolvido pela Cáritas Paroquial
20. Moradores indianos, brasileiros, angolanos, ucranianos e portugueses pobres
21. No nosso largo vivem brasileiros, italianos e indianos
22. Zona histórica com moradores pobres e carenciados
23. Existência de situações de pobreza
24. Existência de pessoas sem abrigo
25. Casas devolutas, falta de segurança e barulho impedem que novos moradores venham morar na zona histórica
26. Perdas populacionais
27. Falta uma oferta cultural para diversão dos moradores

FALTA DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Falta fiscalização nas casas de habitação (existe um exaustor clandestino)
2. Falta isolamento nas casas de habitação
3. Falta estacionamento para moradores
4. Má qualidade das habitações
5. As casas não têm condições (elevadores)
6. Poucas casas para alugar, algumas das que existem não têm condições
7. Ausência de condições de habitação (habitações sem casa de banho)
8. A minha casa precisa de manutenção
9. Existência de casas de habitação sem condições, sem licença de habitabilidade
10. Faltam habitações com rendas acessíveis.

INSEGURANÇA

1. Falta policiamento durante a noite para evitar o vandalismo e as brigas entre grupos
2. A falta de segurança que nós sentimos
3. Insegurança originada por grupos de jovens que se juntam na zona histórica para consumir álcool e drogas

FALTA DE MANUTENÇÃO

1. Não resolução de problemas identificados e denunciados por parte do Município de Viseu

FALTA DE LIMPEZA

1. Falta de limpeza dos proprietários dos bares, durante a madrugada
2. Falta de limpeza dos bares, ficam copos e garrafas cheias espalhadas pela rua

Do total de opiniões mencionadas pelos moradores participantes nesta oficina, 23 opiniões prendem-se com aspetos positivos do centro histórico de Viseu e 43 opiniões sobre aspetos negativos ou a melhorar.

Como aspetos positivos da zona histórica de Viseu, os moradores participantes apontam a centralidade do lugar e o poder andar a pé, sem necessidade de utilizarem transporte.

“Estou perto de coisas para a minha vida, tais como café, mercearias, lojas, etc.”

São também referidos como aspetos positivos a proximidade com os serviços, os espaços culturais e religiosos e o bom ambiente entre vizinhos (conhecidos).

Constata-se que, à semelhança do que se registou com os anteriores grupos auscultados, os moradores participantes concentram o maior número de problemas identificados na subcategoria “problemas de convivência, identidade e valores”. 62,8% dos aspetos negativos identificados pelos moradores participantes incluem-se nesta categoria. São referidos problemas de barulho noturno excessivo decorrente do funcionamento de bares e discotecas, da falta de controlo do seu encerramento, assim como das praxes académicas que têm lugar na zona histórica.

“Barulho dos bares, sem respeito pelo repouso a que temos direito”

Ficou evidenciado nesta oficina de autodiagnóstico uma convivialidade de conflitos e tensões, relacionada com as diferenças de habitus de ocupação do espaço urbano das diferentes populações que habitam ou trabalham na zona histórica: armazéns dos bares a funcionar nos edifícios residenciais; colunas de música afixadas no exterior dos edifícios; explanadas que excedem a área licenciada dificultando a entrada e saída dos moradores das suas casas; situações de incumprimento do horário de funcionamento de bares e discotecas; vandalismo associado ao consumo de álcool ou drogas em ambientes recreativos noturnos; cortes de trânsito para a realização de eventos culturais e turísticos que perturbam o quotidiano dos moradores e trabalhadores.

Outro aspeto evidenciado é o de que a zona histórica de Viseu é, cada vez mais, um território de diversidade. É referida a presença de imigrantes indianos, ucranianos, brasileiros, angolanos. Questionados os moradores sobre como decorre a convivência intercultural a nível local (rua/prça, zona), as respostas confirmam o desconhecimento em relação aos novos vizinhos imigrantes e a fraca ou inexistente interação. Os discursos sublinham a expressão *“cada um mete-se na sua vida”*. Os moradores participantes consideram que, no geral, a relação passa por um “bom dia” e “boa tarde”, estabelecendo mais ligação com as pessoas que ali moram desde sempre. Desejam uma maior convivência entre as pessoas, tal como existia em tempos atrás.

Perante este quadro, ganha sentido a crescente importância das políticas culturais direcionadas para a diversidade, como meio e instrumento de revitalização urbana que, sem esquecer de olhar para dentro (resolvendo problemas), simultaneamente fomentam o turismo e o marketing cultural. Eventos interculturais específicos, podem constituir-se como espaços onde se desenvolvem convivialidades específicas entre vizinhos, turistas e participantes nos eventos, artistas, comerciantes, empresários, estruturas institucionais e associações do centro histórico.

Foram expostas, pela primeira vez nas sessões de autodiagnóstico, situações de pobreza associada a moradores da zona histórica, tanto autóctones como imigrantes.

“Zona histórica com moradores pobres e carenciados”

De acordo com testemunhos dos participantes, existem no centro histórico pessoas que passam pela privação sustentada ou crónica das condições necessárias para o gozo de um adequado padrão de vida, potenciando situações de exclusão social. Foram relatadas situações de sem abrigo, habitações sem casas de banho, e

dificuldades financeiras de algumas pessoas que, não fosse o apoio regular de instituições como a Cáritas, não conseguiriam satisfazer as necessidades básicas à sua sobrevivência.

“Existência de situações de pobreza”

“Ausência de condições de habitação (habitações sem casa de banho)”

“Existência de pessoas sem abrigo”

O que nos remete para a segunda subcategoria de análise com mais problemas identificados pelos moradores participantes, ou seja, a “falta de investimento em infraestruturas e equipamentos” (23,3% dos problemas referidos), sobretudo evidenciada em relação às más condições habitacionais e associada às situações de pobreza anteriormente mencionadas.

“A minha casa precisa de manutenção”

“Falta fiscalização nas casas de habitação (existe um exaustor clandestino)”

“Falta isolamento nas casas de habitação”

“Má qualidade das habitações”

“As casas não têm condições (elevadores)”

“Existência de casas de habitação sem condições, sem licença de habitabilidade”

A tristeza de alguns participantes reporta-se às condições físicas que as suas habitações apresentam e anseiam, por isso, melhorias a este nível.

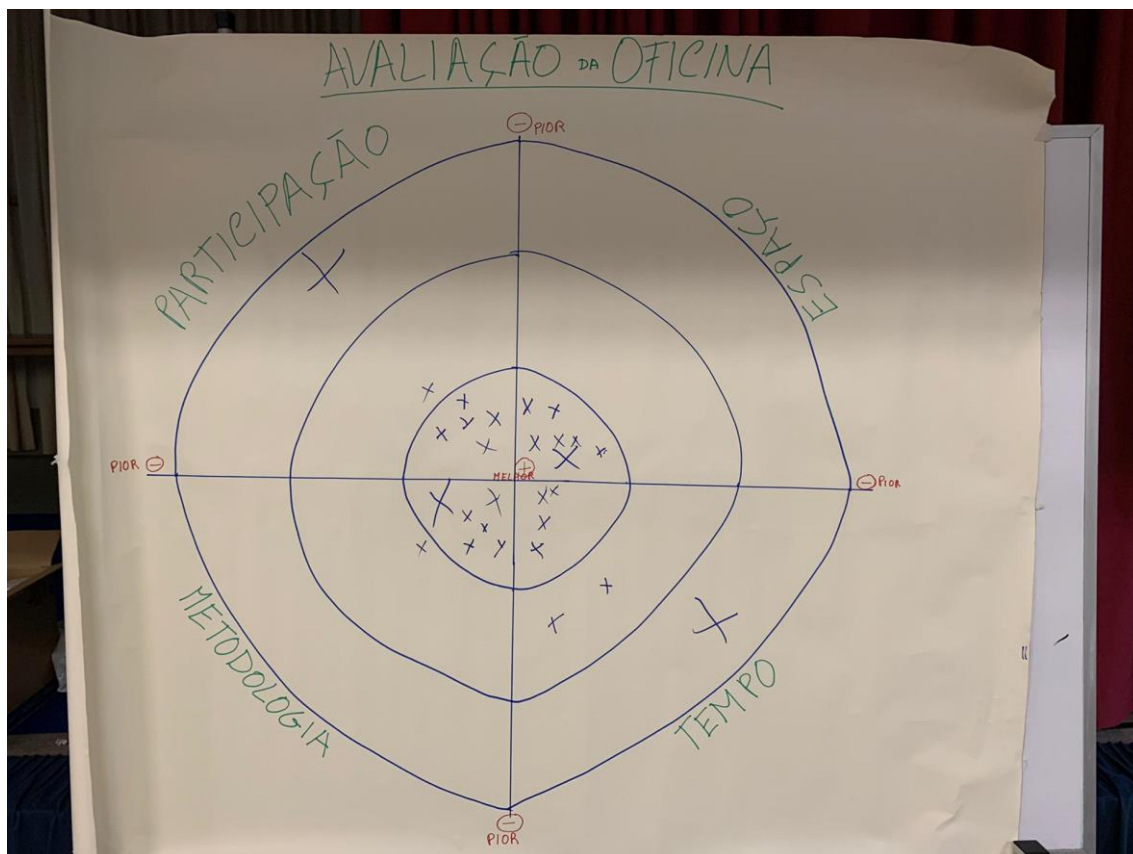
É ainda referido a falta de estacionamento para moradores e as rendas muito elevadas das habitações.

“Faltam habitações com rendas acessíveis”

A falta de policiamento e o sentimento de insegurança é, à semelhança do que aconteceu nas anteriores oficinas, também relatado pelos moradores participantes.

“Falta policiamento durante a noite para evitar o vandalismo e as brigas entre grupos”

Por fim, importa referir, que um sentimento de desconfiança sobre a utilidade deste processo diagnóstico foi expresso por alguns moradores. *“Isto não vai servir para nada”*, deixando implícito a desconfiança da aplicação dos resultados deste trabalho, baseada nas suas experiências anteriores. Não obstante, a dinâmica participativa proporcionada pela oficina autodiagnóstica, ouvindo as suas vozes, foi muito bem avaliada pelos participantes, através da aplicação da técnica “La Diana” no final da sessão, como podemos observar a seguir.



3.1.5 Análise das visitas/entrevistas a comerciantes e empresários

Escutados os moradores, importava também ouvir as pessoas que trabalham na zona histórica de Viseu. Para tal, foi lançada uma chamada para uma oficina grupal de autodiagnóstico dirigida especificamente a comerciantes e empresários. Não tendo sido possível a sua realização, por falta de participantes, no dia 22 de março e no dia 12 de maio de 2022, foram realizadas 10 visitas aleatórias a estabelecimentos comerciais, com o intuito de ouvir a perspetiva de comerciantes e empresários sobre a realidade do centro histórico. Posteriormente, um empresário da zona histórica, tomando conhecimento do trabalho de diagnóstico que estávamos a realizar, fez-nos chegar um documento escrito e entregue à Câmara Municipal de Viseu em 2014, contendo os seus contributos para o desenvolvimento da zona histórica de Viseu, que são aqui também considerados. No total, foram auscultados 8 comerciantes do comércio tradicional; 2 empresários hoteleiros, 1 proprietário de bares e restaurantes.

As perguntas colocadas foram as seguintes:

- Refira dois dos principais problemas da zona histórica de Viseu.
- Que soluções apontaria para esses problemas?
- Quem seriam os responsáveis pela sua solução?

As respostas dadas pelos comerciantes e empresários inquiridos agrupam-se em 19 aspetos problemáticos na zona histórica de Viseu. A tabela que se segue reproduz cada um deles, com o número de opiniões referidas.

Tabela 7: Principais problemas identificados
pelos comerciantes e empresários inquiridos

Aspetos negativos	Número de opiniões referidas em cada um dos aspetos negativos
Desertificação do centro histórico	5
Falta de estacionamento limítrofe	5
Encerramento de estabelecimentos comerciais	4
Indefinição dos horários de funcionamento do comércio tradicional	3
Edifícios devolutos	3
Falta de policiamento	3
Sujidade das ruas e dos edifícios do centro histórico	3
Exposição de fios de eletricidade a céu aberto	3
Rendas muito elevadas das lojas	2
Deterioração dos edifícios	2
Ruído noturno	2
Vandalismo	2
Falta iniciativa no centro histórico	2
Mentalidade de alguns comerciantes e a dificuldade em encontrar consensos	2
Comércio pouco atrativo	1
Falta de serviços públicos ou privados	1
Áreas das lojas são reduzidas para o comércio	1
Dificuldade e morosidade dos processos de licenciamentos para a realização de eventos	1
Problemas de manutenção da via pública	1



Os dados recolhidos deixam bastante claro os problemas mais imediatos percebidos por este setor da população. Os aspetos problemáticos mais referenciados prendem-se com a desertificação do centro histórico (11%); a falta de estacionamento (11%); o encerramento dos estabelecimentos comerciais (9%).

À semelhança do que vem acontecendo com os centros históricos de muitas outras cidades, a desertificação é aqui apontada pelos comerciantes e empresários inquiridos como um dos principais problemas da zona histórica de Viseu.

“Um dos principais problemas da zona histórica é a crescente falta de pessoas, de transeuntes, por não haver pontos atrativos. Não há serviços e as lojas vão fechando.”

Este fenómeno modifica a estrutura e altera a configuração geográfica da cidade. O centro rarefaz-se e a periferia adquire, cada vez mais, atributos de centralidade. Associado a este movimento de desertificação dos centros históricos das cidades, encontra-se o conceito de “gentrificação”, ou seja, sob a crescente pressão turística e a valorização imobiliária dos centros das cidades, as populações residentes são empurradas para as periferias, impondo-se o fecho das lojas históricas e associações culturais/cívicas, e a sua progressiva substituição por espaços de ócio e diversão (bares e discotecas, explanadas, alojamento local, etc.).

“Daqui a uns anos, na Rua Direita, serão tudo bares.”

É na primeira década do século XXI que se assiste a um retroceder da atividade comercial da zona histórica de Viseu (Ferreira, 2010). Com o desenvolvimento de centros periféricos e a ausência de necessidade de deslocação ao centro histórico da cidade para adquirir bens, a dimensão dos stocks dos comerciantes veio a revelar-se demasiado grande, para uma procura cada vez menor, colocando-os numa situação de difícil escoamento dos produtos e reduzida liquidez financeira do negócio (idem).

O problema do encerramento das lojas (sobretudo do comércio tradicional), surge assim como uma consequência de uma série de outros problemas associados e apontados pelos inquiridos: subida dos preços das rendas, fuga dos moradores para zonas periféricas, degradação dos espaços, concentração de serviços noutros pontos da cidade, horários do comércio local indefinidos, que não consegue fazer face aos horários alargados praticados nas grandes superfícies comerciais e às comodidades que estas oferecem. É ainda referido o comércio pouco atrativo, a falta de iniciativa, a mentalidade de alguns comerciantes e a dificuldade em encontrar consensos, etc..

“A mentalidade de alguns comerciantes é um problema. Pararam no tempo.”

“Vai haver sempre problemas, por melhores que sejam as soluções. Chegar a acordo entre comerciantes é difícil.”

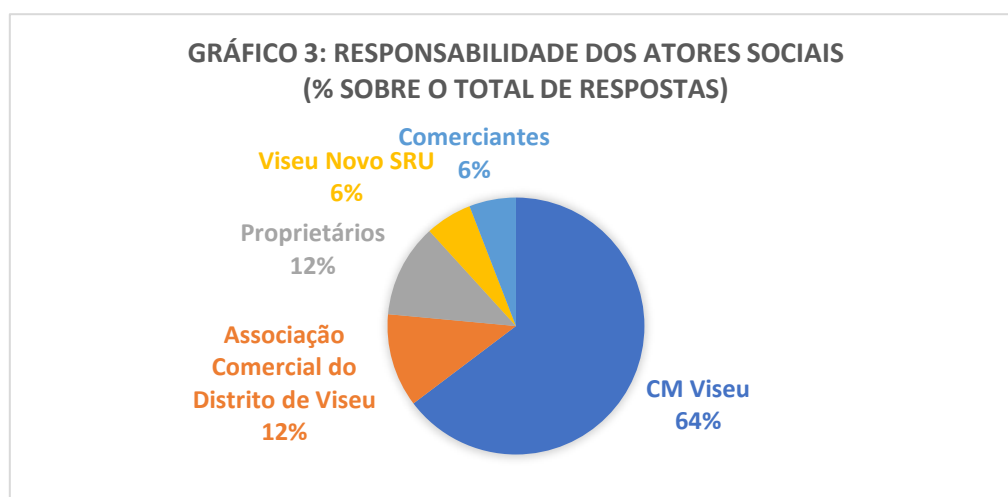
Estes últimos pontos, embora menos referidos pelos participantes, merecem aqui alguma atenção, na medida em que colocam parte do ónus do problema, mas também de potenciais soluções, nas mãos dos próprios comerciantes. O comércio tradicional da zona histórica de Viseu representa um setor onde predominam as microempresas de cariz familiar com uma gestão pouco recetiva ao associativismo e cooperativismo o que, de acordo com Ferreira (2010), implica “novas respostas, que têm de se caracterizar pela adaptação a uma realidade mais dinâmica, pouco compatível com individualismos e resistente a mudanças” (p.62).

Um outro problema a que vários inquiridos fazem referência é a falta de estacionamento e o quando ele concorre para a falta de movimento nas ruas.

“Também a falta de estacionamento limítrofe afasta as pessoas que, já de si, em Viseu, gostam de levar o carro para todo o lado.”

Outros problemas identificados, embora menos citados, são relativos à falta de policiamento; à sujidade nas ruas e nos edifícios; fios de eletricidade a céu aberto; ruído noturno e vandalismo.

No que diz respeito às responsabilidades dos diferentes atores sociais, analisando as respostas dadas, podemos chegar facilmente à conclusão que, segundo os comerciantes e empresários inquiridos, a Câmara Municipal de Viseu é quem deveria participar de forma direta na solução de todos os problemas detetados na zona histórica. Todos os inquiridos citam a autarquia como responsável pela solução dos problemas do centro histórico, e, neste sentido, é-lhe reconhecido um especial protagonismo, como podemos observar no gráfico que se segue.



Para além do município, e numa proporção consideravelmente menor, também se reconhece a Associação Comercial do Distrito de Viseu, os proprietários dos edifícios, a empresa municipal de reabilitação urbana Viseu Novo - SRU e os próprios comerciantes como participantes na solução dos problemas apontados.

A análise destes dados, remete-nos para uma perceção dos comerciantes e empresários inquiridos que atribui a responsabilidade pelo desenvolvimento do centro histórico sobretudo ao setor institucional, e em particular à Câmara Municipal de Viseu, deixando à margem a população e o tecido associativo local.

3.1.6 Entrevista a empresário/a recém-instalado/a no centro histórico

O processo de transformação da zona histórica de Viseu, desde as últimas décadas, e em especial nos últimos anos, é também marcado pela chegada e instalação de outros setores da população (novos investidores, novos moradores com poder económico e novos hábitos de vida, turistas, migrantes, empreendedores, artistas e agentes culturais, estudantes, novas associações, etc.).

Procurámos, por isso, escutar um/a novo/a investidor/a, um/a empresário/a com negócio hoteleiro recém-instalado na zona história, de modo a conhecer a sua perceção sobre a realidade e poder compará-la com as posições discursivas dos comerciantes e empresários mais antigos.

Para tal, a técnica aplicada foi a entrevista semiestruturada que pressupõe a elaboração de um guião com algumas perguntas orientadoras, essencialmente baseadas nos objetivos da investigação, apesar de ficar aberta a possibilidade de mudar a sua ordem, bem como integrar novas questões que se revelem pertinentes para o estudo.

A entrevista realizada, ainda que breve, permitiu captar o sentido que o/a entrevistado/a atribui à realidade atual da zona histórica de Viseu, evidenciando os seus valores e formas de pensar e agir. Possibilitou-nos obter informação complementar à recolhida por outras vias, contribuindo para o aprofundamento da análise.

A perceção do/a entrevistado/a sobre a situação atual da zona histórica de Viseu começa por contrastar com a perceção negativa e desesperançada de alguns comerciantes e proprietários mais antigos, demonstrando uma visão mais otimista.

“Eu já vi a zona histórica mais deserta, mais sem vida. Agora vejo que tem havido uma maior afluência.”

Os problemas identificados pelo/a entrevistado/a não são diferentes dos já mencionados por outros comerciantes e empresários inquiridos (desertificação, falta de estacionamento, baixa atratividade do comércio e encerramento de lojas), porém, apresenta novas visões e novas abordagens face a esses problemas.

Na opinião do/a entrevistado/a *“...há muito o que trabalhar na área histórica porque eu acho que está a faltar alguma coisa aqui... [...] Falta alguma coisa para trazer mais gente aqui. Não sei...”*. Tentámos por isso, ao longo da entrevista, aprofundar esse “algo” que falta e que merece uma investigação mais aprofundada.

- Face ao problema da desertificação, questionamos o/a entrevistado/o sobre como têm atuado os comerciantes em relação a esta falta de pessoas nas ruas? *“...sei lá, tentando atrair pessoas, com o seu próprio negócio, tal como nós aqui estamos a fazer”*.

- E como é que vocês fazem isso? *“através das redes sociais. Um conceito novo que atraía as pessoas, a sua curiosidade”*.

No entanto, disse anteriormente que *“a maioria das pessoas que trabalham aqui são pessoas mais velhas e penso que nessa faixa etária é um bocadinho mais difícil adaptarem-se à mudança. E noto que talvez as pessoas tenham muita, muita dificuldade nisso”*. Pouco depois, acrescenta: *“Se for um negócio recente por pessoas de uma faixa etária até aos 40 e tal ou 50 e tal anos, penso que sim, que ainda estarão dentro desta nova temática das redes sociais e do marketing e da publicidade. [...] a partir dessa idade, as pessoas não têm sequer esse conhecimento. Não têm quem lhes faça e não têm predisposição para isso”*. Levanta assim a questão do fosso social/digital, a adaptação às novas formas de comunicação para as empresas e a falta de recursos locais para apoiá-los no salto para a sociedade da informação.

Outra questão a que também se refere é à falta de apoio das administrações locais (ou de organizações e associações que exercem esse papel) na criação de programas e serviços integrados para visitantes e turistas, que apoiem o comércio, apoiando a cultura e a visibilidade da cidade no exterior, o que, novamente, nos remete para as novas tecnologias da informação e comunicação.

Refere ainda, no seu caso, a criação de uma rede colaborativa entre os próprios comerciantes vizinhos, *“Somos ambos recentes aqui, queremos o melhor para a rua e para nós e para os nossos, já trocámos ideias. [...] tenho clientes que vão ao negócio do vizinho recomendados por nós e vice-versa. E não só com os novos negócios, porque sei que as senhoras aqui das lojas do lado também nos recomendam. E são negócios muito diferentes, muito mais tradicionais.”* Esta convivialidade económica, em torno das diferentes atividades económicas presentes no território, é vista pelo/a entrevistado/a como um fator de desenvolvimento local que, na sua perspetiva, deveria ser potenciado pelo município ou freguesia de Viseu.

“(...) aqui falta um bocadinho isso. Há campo de trabalho a fazer. Muito mesmo. Acho que falta essa ligação. Espero que seja algo que façam em breve.”

Há também algumas propostas que faz: *“lojas vazias que se poderiam intercalar [...] acho que seria uma mais valia ter nem que fosse uns minimercados ou lojas mais conhecidas para que tragam também outras pessoas para as outras lojas ao lado e que façam com que as pessoas vejam o que realmente há cá.”*; *“Acho que falta algo para atrair aqui (investidores)”*; *“ou serviços”*; mais eventos culturais *“como por exemplo, os Jardins Efémeros, museus, universidade sénior [...] mas acho que deveriam haver outros eventos nesse sentido”*.

Ainda que brevemente, o/a entrevistado/a já intui as principais linhas de um processo de gentrificação a que nos referimos anteriormente:

- Se tivesse que imaginar um cenário de futuro para a zona histórica de Viseu, daqui a 10 anos, como seria?

“Eu não tenho a certeza porque não sei o que é que vai ser feito. Para já tenho visto alguns esforços, mas não tenho visto nada assim de muito preponderante. Tenho esperança que venham ainda mais projetos inovadores, que tragam mais gente, de iniciativa privada. Penso que a zona histórica tem potencial para melhorar, porque isto acaba por ser uma tendência. Uma pessoa olha à volta, noutras cidades, em que a zona histórica era uma zona muito viva, que depois acabou por ter grandes perdas populações e que depois acabaram por se renovar. Claro que isso teve um trabalho e um esforço em conjunto com várias entidades, mas eu penso que ao ver esses exemplos que também é possível em Viseu fazer-se isso. Que as pessoas tenham vontade que esta zona se revitalize. Penso que vai melhorar”.

O que não é dito pelo/a entrevistado/a é como se dão esses processos e quais são os resultados para os diferentes atores. Tomando como exemplo o caso de outras cidades que lidam com este fenómeno há mais tempo, percebe-se que, muito provavelmente, melhorará para os negócios que dinamizam a área e para a população mais abastada que adquire imóveis; e prejudicará a população e o comércio tradicional

e os setores mais precários que ali conseguiram instalar-se em momentos de maior degradação do espaço.

Existe até um certo medo de ser arrastado pela mudança em curso, caso não se consiga adaptar:

- Quem é que vê daqui por 10 anos na zona histórica? São moradores, são turistas, são cidadãos não residentes?

“Também espero que sejam turistas. Eu vejo... Depende se houver serviços. Depende do que abrir. Claro que a tendência, que também pode ser negativa, noutras zonas históricas, que é muito para o turismo e para as pessoas de fora e que depois os moradores acabam também por ser negligenciados nas zonas históricas e não acho também que isso seja benéfico. Contra mim falo que sou da área do turismo, mas pronto a verdade é essa que acho que pode haver um equilíbrio. Tem é que se saber trabalhar nesse sentido.”

Para o/a empresário/a entrevistado/a a lógica desta tendência é positiva se no futuro chegarem mais turistas (e com isso ele/a considera-se beneficiado/a) e é negativa se o negócio da zona histórica passar a estar vocacionado apenas para o turismo, pois nesse caso os moradores seriam negligenciados e seriam deslocados e a malha urbana converte-se num tecido monofuncional.

O mesmo receio manifesta-se de novo na pergunta seguinte:

- Mas imagina a zona histórica com mais ou menos residentes?

“Talvez com menos. Até porque se houver mais afluência as pessoas também acabam por não querer residir no centro histórico. Também não sei qual é as condições das casas. Vejo por aqui, quando se ouve música do bar ou conversas da rua, eu fecho a minha porta, tenho vidros duplos, e deixo de ouvir barulho. Acaba por não interferir. Se estas condições forem levadas para as habitações, também não vejo razões para as pessoas não quererem residir. À exceção do estacionamento.”

Algumas destas razões dão-nos conta da linha discursiva associada ao perfil do ‘novo morador’ da zona histórica: com maior poder económico e poder de compra, com moradia confortável, adequada ao isolamento do ambiente (“vidros duplos”, “fecho a porta”, “deixo de ouvir barulho”), com facilidade em comunicar com tudo ao mesmo tempo (através das redes sociais) e com menos população nesta área da cidade (exclusividade).

3.1.7 Fluxograma

No dia 28 de maio de 2022 teve lugar, no Museu Nacional Grão Vasco, o 2º Evento Público do Diagnóstico Participativo da Zona Histórica de Viseu. O encontro teve como objetivo a devolução da informação recolhida até ao momento junto das pessoas com quem se recolheu, a análise conjunta dessa informação, o estabelecimento de relações causais entre os problemas, a sua priorização e a recolha de propostas de melhoria.

Compareceram 9 pessoas (4 moradores; 1 comerciante; 2 representantes institucionais; 2 técnicos).

A informação devolvida foi previamente organizada por subcategorias (incluindo problemas, potencialidades e propostas de melhora por áreas temáticas), e apresentada com recurso a posters afixados à parede, que os participantes podiam consultar livremente. A mesma informação encontrava-se também disponível em formato de documento A4, distribuído pelas mesas de trabalho.

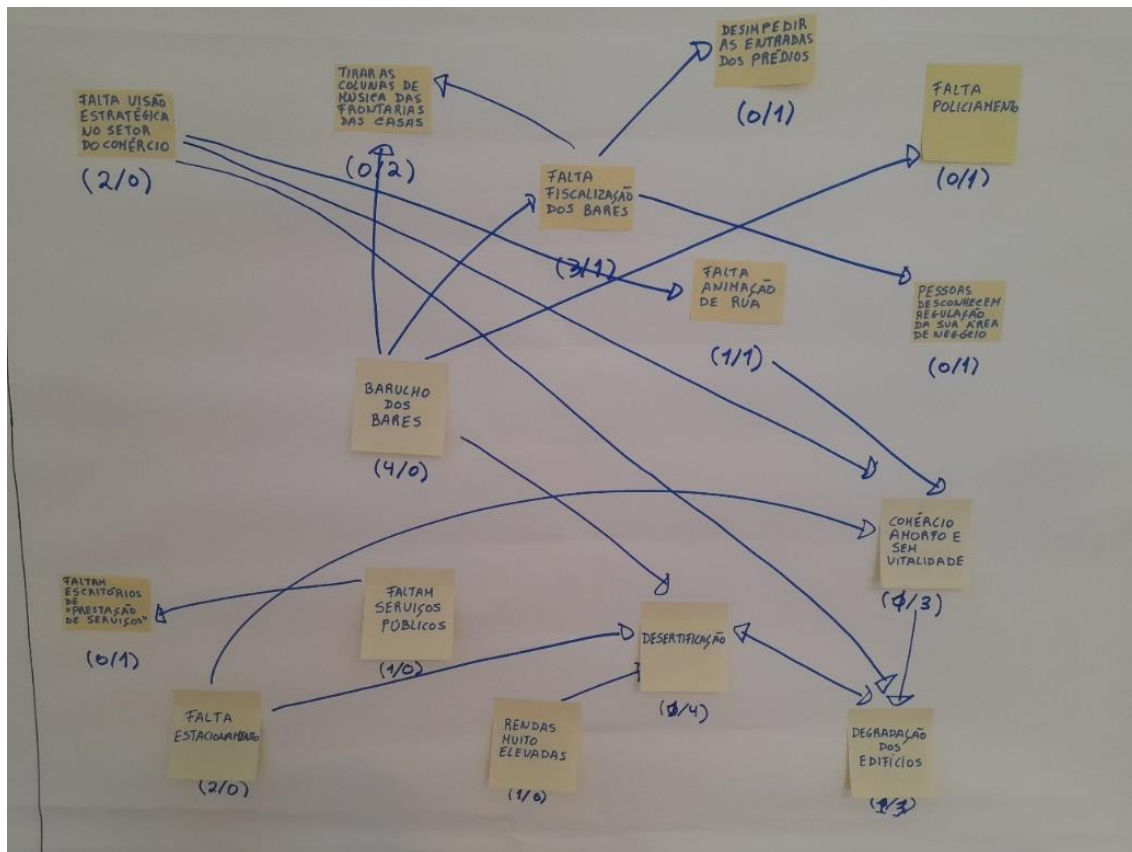
Toda a sessão foi marcada por uma dinâmica muito interessante a partir da informação devolvida, com muita participação e debate entre as pessoas.



Com a aplicação da técnica fluxograma, procurou-se aprofundar a análise dos problemas identificados e priorizar elementos para trabalhar.

O fluxograma consiste em elaborar coletivamente um gráfico, no qual se estabelecem consensualmente relações de causa-efeito entre os problemas previamente identificados, para identificar os nós críticos, ou seja, os principais fatores por onde é preciso começar a trabalhar. De seguida, apresentamos o fluxograma realizado.

Figura 3: Fluxograma



De entre os problemas identificados pelos diversos atores, os participantes na oficina selecionaram 15 problemas como sendo os mais importantes a resolver na zona histórica de Viseu e estabeleceram relações causais em si. O resultado deste exercício de análise coletiva encontra-se apresentado na tabela que se segue.

Tabela 8: Resultados do Fluxograma

	Problemas selecionados	Causa	Consequência
- controlável	Desertificação	1	4
	Degradação dos edifícios	1	3
	Rendas muito elevadas	1	0
	Falta de estacionamento	2	0
podemos influenciar	Faltam serviços públicos	1	0
	Faltam prestadores de serviços	0	1
	Comércio amorfo e sem vitalidade	1	3
	Barulho dos bares	4	0
	Falta animação de rua	1	1
	Comerciantes desconhecem regulação da sua área de negócio	0	1
	Falta fiscalização dos bares	3	1
	Falta visão estratégica no setor do comércio	3	0
+ controlável	Colunas de música nas fachadas dos edifícios	0	2
	Falta de policiamento	0	1
	Entradas de edifícios obstruídas com explanadas	0	1

Os dados do fluxograma realizado apontam para várias relações, mas, substancialmente, os principais problemas causais, segundo este grupo, são o “barulho dos bares”; a “falta de fiscalização dos bares” e a “falta de visão estratégica para o

comércio” e os principais problemas consequenciais são a “desertificação”; a “degradação dos edifícios” e o “comércio amorfo e sem vitalidade”.

Por conseguinte, estes são considerados pelos participantes os problemas centrais a resolver, os nódulos críticos que se devem priorizar no autodiagnóstico e, por isso, merecem uma atenção especial. O quadro seguinte sistematiza os problemas priorizados pelos participantes.

Tabela 9: Problemas Priorizados

Problemas Priorizados	
1	Desertificação
2	Barulho dos bares
3	Falta de fiscalização dos bares
4	Degradação dos edifícios
5	Comércio amorfo e sem vitalidade
6	Falta visão estratégica para o comércio

De forma a ajudar a clarificar esta leitura socorremo-nos também de uma “árvore dos problemas” que, incluindo os 15 problemas seleccionados pelos participantes, assinala a cor vermelha as principais causas (raízes) e as principais consequências (ramos) da problemática em estudo.

Figura 4: Árvore dos Problemas



Nesta “árvore de problemas” observamos, segundo a análise dos participantes, que o barulho noturno decorrente do funcionamento dos bares e a falta de fiscalização dos mesmos, conduz a tensões e conflitos com os moradores que, prejudicados na sua qualidade de vida, tendem a ser empurrados para outras zonas da cidade. Por outro

lado, a falta de visão estratégica para o comércio do centro histórico de Viseu, segundo os participantes, conduz a um comércio pouco atrativo e sem vitalidade, às ruas vazias durante o dia, à falta de clientes, ao encerramento de lojas históricas e à degradação dos edifícios.

A sugestão de se formarem grupos de trabalho para cada um dos nódulos críticos identificados através do fluxograma, de modo a poderem trabalhar propostas de melhoria a serem discutidas em reunião plenária com os decisores políticos, numa lógica de continuidade do processo para além do diagnóstico, foi muito bem acolhida pelos participantes, que se mostraram disponíveis em participar.

Importa também perceber quem tem capacidade de intervir nestes nódulos críticos e em que grau, ou seja, que aspetos e nódulos podem ser abordados pelo grupo de participantes, sobre quais têm poder de influência e quais são os que estão fora do seu alcance. Para tal importa ter em conta a análise das relações e redes de atores, que se apresenta na secção seguinte.

3.2 Análise das Relações e Redes Sociais

A análise das redes sociais que se realiza nesta secção serve para aprofundar o diagnóstico da realidade da zona histórica de Viseu, ao mesmo tempo que permite apoiar o seguimento do processo participativo ao nível da planificação e desenvolvimento de um Plano de Ação. Partindo da premissa que o desenvolvimento sustentável só é possível com a participação dos atores afetados, para conseguir a sua participação, torna-se fundamental conhecer as relações entre eles, a estrutura da rede que existe e o seu funcionamento.

Para tal foi aplicada uma técnica participativa com o objetivo de conhecer como se percebem as relações entre atores, se estas são horizontais ou verticais, se são débeis, fortes ou conflituosas, quem ocupa posições centrais, periféricas ou se encontra isolado. Ou seja, pretendeu-se analisar quais as posições que ocupam os distintos agentes locais em relação ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu, independentemente da estrutura de posições inerente a uma sociedade hierarquicamente organizada.

Partimos da diferenciação de 3 categorias de atores:

- Setor Institucional (os atores que pertencem às distintas instituições da administração pública)
- Setor Auto-organizado (os atores que formam parte de entidades privadas, com ou sem fins lucrativos)
- Setor Não Organizado (os atores que constituem a base social, cidadãos não associados)

3.2.1 Mapeamento de atores com grupo motor

A 26 de março de 2022 realizou-se uma oficina de mapeamento de atores com o grupo motor, constituído por 6 participantes (1 comerciante e membro diretivo da

Associação Comercial do Distrito de Viseu; 3 moradores; 1 técnico da Freguesia de Viseu e 1 elemento do executivo da Freguesia de Viseu).



O exercício de reflexão conjunta iniciou-se com a identificação e categorização de atores, cujo resultado se apresenta na tabela 10.

Tabela 10: Identificação e categorização de atores

Sector Institucional	Sector Auto-organizado	Setor Não Organizado
1. Câmara Municipal de Viseu (CM) 2. Freguesia de Viseu (promotor) 3. Museu Nacional Grão Vasco 4. Museus Municipais (Almeida Moreira; Cidade de Viseu; Casa do Miradouro) 5. SRU - Empresa Municipal para a Reabilitação do Centro Histórico 6. Viseu Marca – Associação de Marketing Territorial de Viseu (48% do capital social pertence	1. Associação Comercial de Viseu 2. Cáritas Paroquial de Viseu 3. Santa Casa da Misericórdia de Viseu 4. Paróquia de São José 5. Associação do Brasil 6. Orfeão de Viseu (asociación cultural y artística) 7. Associação de Moradores da Zona Histórica de Viseu 8. Escola Profissional Mariana Seixas	1. Residentes 2. Comerciantes 3. Imigrantes 4. Jovens 5. Proprietários de bares e discotecas 6. Arrendatários

à AIRV – Associação Empresarial da Região de Viseu; 48% ao Município de Viseu; e 4% à ACDV – Associação Comercial do Distrito de Viseu) 7. ESEV - Escola Superior de Educação de Viseu 8. Instituto de Segurança Social 9. Escola Emídio Navarro 10. Polícia Municipal 11. Polícia de Segurança Pública (PSP) 12. Teatro Municipal Viriato		
--	--	--

Num segundo momento, a reflexão centra-se no posicionamento dos atores em relação aos eixos de análise (poder e afinidade) e no estabelecimento de relações entre os atores identificados.

A análise relacional do exercício realizado com o grupo motor permite compreender quem são os atores centrais (os que têm mais relações e nós), os atores marginais (os que não têm relações ou têm poucas relações) e os atores ponte (que permitem a ligação entre atores), desde a perspetiva dos participantes. Os resultados desta análise mostram-se na tabela 11 que a seguir apresentamos.

Tabela 11: Atores centrais, marginais e ponte

Atores Centrais (os que têm mais relações e nós)	Atores Marginais (os que não têm relações ou poucas relações)	Atores Ponte (os que permitem a ligação entre atores)
✓ Freguesia de Viseu ✓ CM Viseu ✓ Comerciantes ✓ Moradores	✓ Associação de Moradores ✓ Orfeão ✓ Universidade Sénior ✓ Jovens ✓ Proprietários de bares e discotecas ✓ Imigrantes ✓ Museus municipais ✓ Museu Nacional Grão Vasco	✓ Cáritas de Santa Maria de Viseu ✓ Paroquia de São José

Passamos agora a apresentar a análise do mapeamento dos atores segundo o eixo de poder (mais ou menos poder ou capacidade de influenciar o território em estudo) e o eixo de afinidade (mais ou menos afinidade ou interesse em relação ao objeto de estudo – desenvolvimento e qualidade de vida na zona histórica de Viseu).

Análise dos atores em função do Poder

Quem tem poder no desenvolvimento da zona histórica?

É no setor institucional que se verifica a concentração de poder em relação ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu. Esta categoria é a que inclui o maior número de atores identificados (12) e encontra-se muito conectada, evidenciando relações fortes e muito fortes entre si. Alguns dos atores institucionais identificados constituem unidades funcionais dependentes da CM de Viseu, reforçando a centralização de poderes. Verifica-se também que o setor institucional está fortemente conectado com vários atores do setor auto-organizado.

No que diz respeito ao setor auto-organizado, e de acordo com a perceção dos participantes, verificam-se diferentes posições face ao eixo do poder. A Associação de Comerciantes de Viseu, a Santa Casa da Misericórdia de Viseu e a Cáritas Paroquial de Viseu ocupam uma posição de grande poder e próximas do setor institucional. A Paróquia de São José e a Escola Profissional da Fundação Mariana Seixas ocupam posições de poder intermédio. A Associação do Brasil, o Orfeão, a Universidade Sénior e a Associação de Moradores são considerados atores marginais (sem relações ou com poucas relações), com baixo poder, pois algumas destas encontram-se pouco ativas. Nenhuma destas organizações se encontra conectada entre si, evidenciando a pouca ou nenhuma relação dentro desta categoria de atores.

A base social é aqui representada por moradores, imigrantes e jovens, como sendo os que detêm menos poder; por comerciantes e arrendatários com poder intermédio; e por proprietários de bares e discotecas com alto poder, ainda que apareçam como atores marginais. Foi também mais difícil para o grupo motor identificar atores nesta categoria e alguns deles foram sugeridos pela facilitadora, tendo em conta o que já havia escutado na oficina de autodiagnóstico com moradores, desenvolvida na Cáritas Paroquial de Viseu, o que diagnostica algum desconhecimento sobre os cidadãos comuns. As poucas relações que se estabelecem dentro desta categoria de atores aparecem como conflituosas ou muito conflituosas, evidenciando que se encontram fechados em si mesmos e isolados. À exceção dos comerciantes, quase não há relação entre a base social e o setor auto-organizado e o setor institucional. Há medida que diminui o poder, verifica-se que diminuem as relações entre os atores.

Análise dos atores em função da Afinidade

Quem tem interesse no desenvolvimento da zona histórica de Viseu?

À semelhança do que se verifica no eixo do poder, também no eixo da afinidade ao setor institucional é atribuída grande afinidade/interesse em relação ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu. Freguesia de Viseu, Câmara Municipal de Viseu, Viseu Marca, SRU, Museus Municipais e Museu Nacional Grão Vasco aparecem na coluna dos 'afins'. PSP, ESEV e Polícia Municipal estão no eixo dos 'diferentes'. Instituto de Segurança Social, Teatro Viriato (considerado com *“uma oferta cultural muito elitista para um público intelectual”*) e Escola Emídio Navarro estão no eixo dos 'alheios'.

O setor auto-organizado é igualmente reconhecido como tendo grande afinidade/interesse no desenvolvimento da zona histórica de Viseu. Associação Comercial de Viseu, Cáritas Paroquial de Viseu, Santa Casa da Misericórdia, Paróquia

de São José, Escola Profissional Mariana Seixas, Orfeão (*“com muitas atividades culturais e educativas dedicadas a idosos, mas também teatro, danças de salão para os mais jovens”*), Associação do Brasil são considerados atores ‘afins’. Porém, a Universidade Sénior é considerada pelos participantes como ‘diferente’ e a Associação de Moradores ‘alheia’, devido ao facto de serem duas organizações quase inativas ou com pouco impacto local.

Curiosamente, a categoria da base social não está representada na coluna dos ‘afins’. Moradores, comerciantes e imigrantes (brasileiros, ucranianos, indianos, italianos) são posicionados como ‘diferentes’. Arrendatários e jovens como ‘alheios’. Proprietários de bares e discotecas como ‘opostos’, pois, na perspetiva dos participantes, não têm interesse em mudar.

Existe ainda um nicho emergente de atores culturais e artísticos que tem encontrado na zona histórica, nos últimos anos, estruturas de apoio municipal para sedarem e desenvolverem o seu trabalho criativo, que, ainda que tenha sido sugerido pela facilitadora no decurso do exercício do sociograma, o grupo motor entendeu não considerar pois referem: *“são eventos culturais de nicho, vão sempre as mesmas pessoas, não se alargam à comunidade”*.

3.2.2 Mapeamento de Atores com Jovens Migrantes

A partir da análise do exercício de mapeamento de atores realizado com membros da Freguesia de Viseu e da Associação Comercial do Distrito de Viseu e alguns moradores, percebe-se que os atores da base social são pouco descritos. O que significa representar jovens ou migrantes como atores? Como se explica não haver relações entre moradores e comerciantes e moradores autóctones e imigrantes? Como se explica as relações de conflito entre moradores e jovens?

Na impossibilidade de ouvir todos os atores identificados por limitações de tempo, procurou-se obter mais informações junto de jovens e imigrantes que vivem esta realidade de forma mais direta.

No dia 28 de abril de 2022, nas instalações da Freguesia de Viseu, realizou-se uma oficina de mapeamento de atores com jovens migrantes a residir na cidade de Viseu. Participaram 10 jovens, tal como se descreve na tabela que se segue.

Tabela 12: Caracterização dos Participantes

Participante	Idade	Relação com a Zona Histórica
Jovem ucraniano a residir em Viseu há 9 anos.	31 anos	Frequenta a zona histórica para lazer
Jovem portuguesa, de Braga, a residir em Viseu há 2 anos	22 anos	Frequenta a zona histórica para lazer ou fazer compras
Jovem ucraniana a viver em Viseu há 14 anos	22 anos	Frequenta a zona histórica para lazer
Jovem de Viseu	18 anos	Frequenta a zona histórica para fazer compras
Jovem de Viseu	19 anos	Não tem relação com a zona histórica
Jovem ucraniano	20 anos	Mora e estuda na zona histórica.
Jovem indiana, chegou a Viseu há uma semana	31 anos	Não tem relação com a zona histórica
Jovem empreendedor indiano, há 2 anos a viver em Viseu	27 anos	Já viveu na zona histórica e teve comércio lá.
Jovem indiano há 6 meses em Viseu.	28 anos	Frequenta a zona histórica para lazer

Jovem indiano há 2 anos em Viseu	30 anos	Frequenta a zona histórica para lazer
----------------------------------	---------	---------------------------------------



O perfil dos participantes desta oficina de mapeamento de atores é muito diferente da anterior: são jovens que frequentam o centro histórico de Viseu, mas que, à exceção de um deles, não residem lá. São, portanto, consumidores de atividades e serviços locais. Isso explica as diferenças na identificação de atores, as poucas relações estabelecidas entre eles e a clara ligação que revelam entre eles próprios (jovens e estudantes), com bares, instituições de ensino e autoridades locais, considerados atores centrais e atores de ponte.

Tabela 13: Identificação e categorização de atores

Setor Institucional	Setor Auto-organizado	Setor Não Organizado
1. Câmara Municipal de Viseu	1. Cáritas Paroquial de Viseu	1. Moradores
2. Freguesia de Viseu (promotor)	2. Associação do Brasil	2. Comerciantes
3. Novo SRU - Empresa Municipal de Reabilitação Urbana	3. Alma Viseu – Associação de Moradores da Zona Histórica de Viseu	3. Jovens
4. ESEV - Escola Superior de Educação de Viseu	4. Associação Viriatos 14	4. Estudantes
5. Polícia	5. Escola Profissional Mariana Seixas	5. Proprietários de bares e discotecas
		6. Arrendatários
		7. Artistas
		8. Turistas
		9. Vendedores de droga

6. Teatro Municipal Viriato 7. Proteção civil 8. IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional 9. Igreja		10. Grupo de Facebook “Encantos de Viseu” (+ de 30 000 seguidores)
---	--	--

Tabela 14: Atores centrais, marginais e ponte

Atores Centrais (os que têm mais relações e nós)	Atores Marginais (os que não têm relações ou poucas relações)	Atores Ponte (os que permitem a ligação entre atores)
✓ Jovens/estudantes ✓ Moradores ✓ CM Viseu ✓ Freguesia de Viseu ✓ Proprietários de bares	✓ Novo SRU ✓ Igreja ✓ Proteção civil ✓ Investidores ✓ Cáritas Paroquial ✓ Turistas ✓ Comerciantes ✓ Teatro Viriato ✓ Artistas ✓ Escola Profissional Mariana Seixas ✓ Polícia ✓ Vendedores de droga ✓ Associação Brasil ✓ Associação Viriatos 14 ✓ AMA – Associação de Moradores ✓ Grupo de facebook “encantos de Viseu”	✓ Escola superior de Educação de Viseu (ESEV)

Tal como no primeiro exercício, apresentamos agora a análise do mapeamento de atores com jovens migrantes, segundo o eixo de poder e o eixo da afinidade.

Análise dos atores em função do Poder

Quem tem poder no desenvolvimento da zona histórica?

À semelhança do que se verificou no primeiro exercício de mapeamento, é no setor institucional que se concentra o maior poder em relação ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu, pese embora, já não ser esta a categoria com o maior número de atores identificados. Estes atores aparecem pouco conectados entre si, à exceção da Escola Superior de Educação de Viseu (ESEV) com a Câmara Municipal e a Freguesia de Viseu. Não são identificadas relações entre o setor institucional e o setor auto-organizado.

As relações dos jovens com o setor institucional, designadamente a Câmara Municipal, a Freguesia de Viseu e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP)

são consideradas pelos participantes como “relações débeis”, pela passividade ou despreocupação que mostram ambos os atores por estreitar laços. Apontam a falta de oportunidades de comunicação com as estruturas de poder local e reclamam uma melhoria nesse sentido.

“Há vontade de comunicar, mas não sabemos com quem, nem como”

“Faltam canais de comunicação entre as estruturas de poder e os jovens e migrantes”

“Os jovens também reclamam muito, mas depois não participam. Há um certo desencanto.”

“Importa incentivar os jovens, chegar a eles através das associações de estudantes”

Os atores do setor auto-organizado são os mais difíceis de identificar para o grupo de jovens participantes, expressando assim a desconexão entre o setor auto-organizado e a faixa etária dos jovens na zona histórica. São indicados apenas 5 atores nesta categoria. A Cáritas Paroquial de Santa Maria de Viseu e a Escola Profissional Mariana Seixas ocupam uma posição de poder intermédio. A Alma – Associação de Moradores, a Associação Viriatos 14 e a Associação Brasil são considerados atores marginais (sem relações ou com poucas relações), com baixo poder, pois dois deles encontram-se em processo de constituição. Nenhuma das organizações deste setor se encontra conectada entre si e os jovens estudantes apenas surgem fortemente conectados com uma instituição privada de ensino - a Escola Profissional Mariana Seixas.

Ao contrário do primeiro exercício de mapeamento, é no setor não organizado que são identificados pelos participantes o maior número de atores (10) e onde se estabelece o maior número de relações entre si e entre os outros setores. A base social é aqui representada por moradores, estudantes, jovens e artistas como sendo os que detêm menor poder; o grupo informal de facebook “Encantos de Viseu”, os comerciantes, os turistas e os proprietários de bares aparecem como poder intermédio e os investidores e os vendedores de droga com poder alto, embora isolados.

Não consideram os “proprietários arrendatários”, mas incorporam novos atores nesta categoria, como é o caso dos “vendedores de droga”, que aparecem associados ao ambiente de ócio juvenil, remetendo-nos, pela primeira vez no diagnóstico, para o problema da venda e consumo de drogas ilícitas na zona histórica de Viseu.

“Não há vazios na zona histórica, não há gente, mas não há vazios. Se não está lá a polícia, vão lá estar os dealers (vendedores de droga).”

A partir desta categoria foram identificados vários tipos de relação entre atores: “relações muito conflituosas” entre moradores e vendedores de droga; jovens estudantes e moradores; moradores e proprietários de bares, ou seja, mantém-se o conflito com os moradores e aparecem outras relações que completam e corroboram a informação recolhida através do primeiro exercício. A relação conflituosa entre jovens estudantes e moradores da zona histórica aparece relacionada com as diferenças de utilização do espaço urbano (uns para residir, outros para diversão noturna) e que geram tensões associadas ao barulho, à higiene do espaço, ao vandalismo dos edifícios. São

também reconhecidas pelos participantes “relações débeis” entre estudantes/jovens e a Câmara Municipal de Viseu e a Freguesia de Viseu e entre os jovens e o IEFP, como atrás fizemos referência. É identificada uma “relação forte” entre comerciantes e turistas e “relações muito fortes” entre estudantes e proprietários de bares; estudantes e ESEV e Estudantes e Escola Profissional Maria Seixas.

Análise dos atores em função da Afinidade

Quem tem interesse no desenvolvimento da zona histórica de Viseu?

Ao contrário do que podemos observar no primeiro exercício de mapeamento com o grupo motor, os participantes deste grupo consideram a grande maioria dos atores identificados como “afins” ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu, ou seja, têm interesse e querem contribuir para esse desenvolvimento.

No setor institucional a Câmara Municipal de Viseu, a Freguesia de Viseu, a Igreja, a SRU e a polícia aparecem posicionados na coluna dos ‘afins’. Proteção civil e ESEV estão no eixo dos ‘diferentes’, não se opõem aos processos de desenvolvimento, mas trabalham a partir de outros modelos e outras lógicas. IEFP e Teatro Viriato estão no eixo dos ‘alheios’, considerados pelos participantes como atores que, de antemão, não parecem interessar-se pela problemática. Porém, no que toca ao Teatro Viriato, os jovens observam que o centro histórico teria a ganhar com o seu maior envolvimento.

“Era bom fazer chegar a arte às pessoas que normalmente não vão ao teatro.”

No setor auto-organizado, a Cáritas Paroquial, a Alma – Associação de Moradores e a Associação Viriatos 14 são considerados atores ‘afins’. Porém, a Escola Profissional Mariana Seixas é considerada ‘diferente’ e a Associação do Brasil ‘alheia’.

No setor não organizado, contrastando com o primeiro sociograma, os jovens participantes atribuem à base social uma grande afinidade/interesse em relação ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu. Moradores, estudantes e jovens, grupo de facebook, comerciantes, turistas e proprietários de bares são considerados atores “afins”. Os agentes culturais (programadores e artistas) são considerados “diferentes”, os investidores “alheios” e os vendedores de droga “opostos”.

Perante este quadro, há que ter em conta que os jovens participantes colocam os proprietários de bares e discotecas entre os atores “afins” ao desenvolvimento da zona histórica de Viseu e é possível que entendam que a atividade que desenvolvem dá vida à zona histórica e que representa um projeto de viabilidade para o lugar. Ou seja, um modelo socioeconómico que é favorável ao desenvolvimento desta área da cidade e que convém manter.

4.PROPOSTAS

Neste ponto, analisam-se as sugestões e recomendações relativas à melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento da zona histórica de Viseu, na perspetiva de diferentes atores sociais que participaram no diagnóstico. Não sendo este tópico tão inerente à etapa diagnóstica de um processo participativo quanto o é à etapa de planeamento, a sua inclusão no relatório justifica-se pelo número significativo de propostas que espontaneamente foram identificadas pelos participantes.

Sem que, na maioria dos casos, tivesse havido da nossa parte uma intencionalidade nesse sentido, a partir das técnicas qualitativas e participativas aplicadas no estudo, foi possível recolher, ao longo do processo, propostas junto de diferentes setores sociais da população, que aqui se enquadram em 3 categorias:

- Base social (cidadãos e cidadãs comuns)
- Setor associativo (associações de cariz social, educativo, ambiental, comercial, cívico, cultural, etc.)
- Setor empresarial (comerciantes e empresários)

Importa referir que, para completar esta análise, e tendo em vista a etapa subsequente de um processo participativo, isto é, o planeamento, seria igualmente pertinente incluir propostas do setor institucional (decisores e técnicos), que neste diagnóstico, por limitações de tempo e recursos, não foi possível recolher.

Interessa também salientar que as propostas recolhidas neste diagnóstico se constituem como um ponto de partida e um contributo para a etapa seguinte do planeamento, carecendo, por isso, de um maior levantamento de dados, análise, priorização e articulação para a construção de um plano de ação participativo.

As propostas foram agrupadas tendo em conta as diferentes áreas temáticas que formam parte do diagnóstico (Espaços, Infraestruturas e Equipamentos, Convivência, Identidade e Valores, Segurança e Limpeza).

Neste sentido, procura-se conhecer as coincidências e diferenças entre as categorias de atores, realçando a importância que é dada a cada área temática, assim como identificar os atores implicados na solução dos problemas.

4.1 Base social (cidadãos e cidadãs comuns)

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Facilitar o arrendamento acessível de habitações na zona histórica
2. Criar estacionamento exclusivo para moradores
3. A Câmara Municipal deveria afixar uma placa de proibição visível na entrada do parque da Sé Catedral
4. Retirar o trânsito definitivamente
5. Investir na conservação dos edifícios e no património
6. Recuperação dos edifícios mantendo a estrutura inicial
7. Lojas mais atrativas que façam esquecer os centros comerciais
8. Incrementar a economia da zona histórica
9. Chamar grandes marcas para abrirem lojas na Rua Direita (a Câmara Municipal de Viseu poderia negociar com as grandes marcas)
10. Criar um centro comercial a céu aberto como acontece noutras cidades pelo mundo
11. Rua Direita era a rua do comércio da cidade de Viseu, precisa de lojas e negócios novos.
12. Trazerem lojas com marcas conhecidas e serviços que atraiam pessoas para a zona histórica
13. A Câmara Municipal deveria apoiar os comerciantes da zona histórica
14. Hipermercados fechados ao domingo

CONVIVÊNCIA, IDENTIDADE E VALORES

1. Mais animação de rua
2. Organizar-se uma feira semanal no largo Pintor Gata
3. Reativar a tradição das Festas de Santo António no centro histórico
4. Tragam mais eventos artísticos e culturais para a Rua Direita
5. Mais animação cultural
6. Reativar as atividades culturais pré-pandemia
7. Levar as crianças ao centro histórico, criar uma consciencialização (as vivências da infância marcam as suas vidas)
8. Recuperar os sábados cheios de gente na rua direita
9. Criar espaços de diálogo entre os jovens estudantes e as organizações locais
10. Os jovens podem participar na divulgação da zona histórica de Viseu, divulgando as suas ideias nas redes sociais
11. Oferta cultural mais diversificada e maior democratização no acesso à cultura
12. Deviam proibir as praxes académicas na zona histórica, pelo barulho que fazem até altas horas

SEGURANÇA

1. Mais policiamento: agentes de segurança na zona histórica de Viseu a partir das 00h para assegurar o descanso dos moradores
2. Devia existir polícia em permanência junto à Escola Profissional Mariana Seixas
3. A Polícia Municipal deveria aumentar o número de efetivos policiais para maior controlo de horários dos estabelecimentos de diversão noturna
4. Mais policiamento para eliminar os ajuntamentos para consumos de álcool e drogas

LIMPEZA

1. Aplicar a legislação sobre beatas de cigarro
2. Ajustar os trabalhos de limpeza, com as horas de fecho dos bares

No setor da base social, onde se incluem as pessoas que não integram nenhuma associação, as propostas vinculam-se sobretudo com o conforto e bem-estar social na zona histórica.

Os moradores propõem mais policiamento, limpeza, rendas mais acessíveis, estacionamento, a preservação de lojas históricas e um comércio mais atrativo. Quanto à temática da convivência, identidade e valores, destacam-se as propostas associadas a uma convivialidade sociocultural, na perspetiva das inter-relações e sociabilidades entre moradores e não moradores, com menos barulho, mais civismo, com uma oferta cultural mais inclusiva e voltada para a preservação da identidade cultural do centro histórico de Viseu.

As propostas dos jovens participantes reivindicam um maior protagonismo da sua faixa etária na solução dos problemas identificados e uma melhor comunicação com as instituições públicas.

As pessoas que por ali passam, numa lógica de consumidores, apresentam sugestões muito alinhadas com o setor empresarial, quer ao nível das infraestruturas e equipamentos (lojas mais atrativas, centro comercial a céu aberto, lojas de marca, serviços, recuperação do edificado), quer ao nível da convivência, identidade e valores

(mais eventos culturais e artísticos e animação de rua), com foco nos momentos de ócio e lazer.

Os participantes atribuem a grande responsabilidade de atuação sobre a zona histórica de Viseu à Câmara Municipal de Viseu e é também referida a Polícia Municipal. Este peso recai ainda sobre os cidadãos, quando é sugerido “levar as crianças ao centro histórico, criar uma consciencialização (as vivências da infância marcam as suas vidas)”.

Podemos também observar que, em alguns casos, as propostas apresentadas pelo setor não organizado são abstratas, focadas numa área temática, mas sem adquirir o nível de concretude implícito a uma atividade específica, revelando, em parte, uma reflexão pouco elaborada sobre a matéria e fraca consciência social, o que nos remete para as questões do fomento da participação cidadã no desenvolvimento local.

4.2 Setor associativo

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. Limpar o escadório da Igreja da Misericórdia
2. Ceder à Cáritas Paroquial um espaço para montar uma loja solidária ou realizar feiras comunitárias para escoamento dos produtos que a instituição recebe para doação
3. Construção de um balneário público para que pessoas que não têm acesso a casa de banho ou sem abrigo, possam tomar banho.

Os atores sociais do setor associativo, em menor representatividade, apresentam as suas propostas relacionadas com a temática da criação ou manutenção de infraestruturas e equipamentos de apoio à comunidade e no âmbito da sua atuação. É ao poder local que atribuem a resposta a estas necessidades.

4.3 Setor empresarial (comerciantes e empresários)

ESPAÇOS AO AR LIVRE

1. Colocar flores nas varandas dos edifícios para embelezar as praças e as ruas.

INFRAESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS

1. A negociação com empresários para a instalação de "lojas âncora" seria interessante.
2. Instalação de serviços públicos ou privados na zona histórica fazendo com que as pessoas se habituassem a andar mais a pé. Ganham todos: o ambiente, a carteira dos cidadãos, a zona histórica e o comércio.
3. Estacionamento na periferia da zona histórica
4. Estacionamento com a 1ª hora gratuita
5. Estacionamento com a 1ª hora grátis
6. A CM Viseu devia garantir estacionamento com a 1ª hora grátis
7. Criar condições de estacionamento gratuito para os moradores, mediante um cartão de residente, em zonas delimitadas para o efeito.

8. É necessário criar estacionamento (parques pagos) para clientes passantes e turistas.
9. Estabelecer horários para cargas e descargas e também lugares para paragens de curta duração.
10. Permitir os 2 sentidos mediante semáforos na Porta dos Cavaleiros, por forma a que o centro histórico ficasse com 3 entradas.
11. Há uma proposta, já aprovada, de fechar a zona histórica ao trânsito. Eu vejo isso com algo de bom, para as esplanadas, para os comércios, etc. Faz com que as pessoas circulem a pé, parem nos bares e comércios. Para o meu negócio é bom. As famílias vêm a pé no meio da rua com as suas bicicletas, trotinetas, as crianças podem brincar em maior segurança.
12. Os horários de fecho dos bares devem ser comuns a todos e nunca exceder as 2h da manhã. As esplanadas dentro da zona habitacional não devem funcionar para lá da meia noite. Poderá, contudo, em dias ou circunstâncias especiais, tolerar-se alguma exceção.
13. Requalificação dos edifícios e limpeza das fachadas
14. Reconstrução de edifícios antigos e devolutos
15. Reabilitação imobiliária e arrendamento atrativo
16. Fazer obras nos edifícios
17. Lojas fechadas podem ser cedidas temporariamente pela CM Viseu para promover alguma coisa e de forma mais frequente.
18. Horários de funcionamento regulado para o comércio tradicional
19. Mais iluminação nas ruas, nas montras das lojas e nas fachadas dos edifícios.
20. Estudar formas de apoiar o restauro e a reconstrução do edificado com base num compromisso entre as possibilidades do privado, e a responsabilidade do município numa perspetiva do interesse público.
21. Tornar isentadas de IMI todas as reabilitações que impliquem obra em todo o edifício.
22. Anular as tarifas de ligação de água e esgoto nas reconstruções que já tenham estes serviços.
23. Visitas regulares (2 em 2 meses) do fiscal municipal às obras em curso, e elaborar um relatório daquilo que encontrou e assinar o livro de obra numa clara vinculação dos serviços, dos empreiteiros e dos proprietários ao pleno cumprimento das normas regulamentares aplicáveis.
24. Devem ser minimizadas as taxas de licenças para obras de reabilitação, tanto para obras como para ocupação da via pública.
25. A SRU deve ser a única entidade destinada ao licenciamento de obras no centro histórico, com total independência dos serviços técnicos da Câmara Municipal, ainda que sejam ratificados os alvarás de obras e de utilização em reunião do Executivo.
26. Devem ser incentivados todos os processos para reduzir o tempo e a burocracia associados ao licenciamento de obras, nomeadamente o uso de emails e a informatização dos processos com acesso online.
27. Demarcar em parceria com a Associação Comercial de Viseu uma zona - centro comercial aberto - constituída pelo miolo turisticamente mais importante, (pensamos que numa primeira fase deve ser uma zona reduzida) dotá-la das possíveis facilidades ao nível do trânsito e do estacionamento e policiada pela Polícia Municipal de forma pedagógica. Tudo deve, em termos de apresentação, estar impecável, e todos que lá trabalhem ou passem devem senti-lo, e sentir o brio de o melhorar. Este centro comercial aberto deve ser gerido tal qual um centro comercial fechado. Com uma gestão profissional, com condomínio, com

disponibilidade de serviços comuns a todos os condóminos, com publicidade, etc. Os comerciantes, mediante uma joia, terão acesso ao mesmo que teriam num centro comercial clássico, e ainda serviço de entregas através do condomínio, e outros serviços eventuais que se revelem necessários. Os negócios que entrem de novo nesta zona demarcada, têm que obedecer ao regulamento que se fará para efeitos de gestão e manutenção do centro. Deve haver a preocupação em atrair marcas ou negócios, que pela sua história ou importância comercial, constituam uma mais valia para o centro comercial e engrandecem a cidade. Deve ser vedado às empresas a iniciativa de qualquer tipo de publicidade estática, devendo esta ser gratuita, e da iniciativa exclusiva do condomínio do Centro, respeitando as normas do regulamento da especialidade e as indicações da SRU. Publicidade nos media deve colocar sempre a ênfase no centro comercial aberto e no centro histórico de Viseu.

28. Deve ser estudada a implementação dum cartão desconto, comum a todas as lojas aderentes e com descontos mútuos. Se este cartão oferecer, por exemplo, um desconto de 5% ao cliente e 1% para um fundo destinado a prémios no Natal, para um número de 100 aderentes, com um volume de negócios médio de 125.000€, teremos 12.500.000€. Ou seja: 1% de 12.500.000 serão 125.000€ para distribuir em prémios!
29. Privilegiar e incentivar pequenos negócios tradicionais, com especial destaque para as artes como alfaiates, funileiros, bazares de utilidades, etc., sempre que isso reponha a história e identidade da cidade, da rua, ou dos lugares, porque isso constitui muitas vezes, não só uma mais valia para os residentes, mas também uma nota que os turistas levam, comentam e não esquecem.

CONVIVÊNCIA, IDENTIDADE E VALORES

1. É preciso "educar" as pessoas para andarem mais a pé.
2. Negociação com entidades de serviços privados (entidades bancárias, por exemplo), com empresários de "franchising" que podem instalar as "lojas âncora", e os proprietários de lojas. Estes proprietários, muitas vezes, preferem ter as lojas fechadas do que negociar valores. Assim, a Câmara Municipal poderia fazer o levantamento destes espaços e negociar com os proprietários as possibilidades para dinamização da zona histórica. Lojas fechadas não trazem vantagem a ninguém e são um péssimo cartão de visita ao turismo.
3. Tornar os monumentos do centro histórico de Viseu mais disponíveis para turistas. A Igreja de Viseu talvez também tenha que ser chamada a esta dinamização. Eventos religiosos devem ser amplificados, divulgados como um dos fatores culturais da cidade.
4. Mais dinamismo cultural. A Feira de S. Mateus pode perfeitamente expandir-se para outros locais, como foi feito há 2 anos com o evento "cubo mágico".
5. Era muito bom as feiras "Mercado Indo Eu", muito concentradas na Rua da Paz, passassem para a Praça D. Duarte. Aqui temos a praça, as imediações da muralha e a Sé Catedral.
6. Promover eventos culturais relacionados com o folclore e a cultura local, aquilo que nos diferencia de outras culturas. Os turistas adoram.
7. Trazer barraquinhas com frutas, legumes da época.
8. Mais diálogo entre proprietários de bares e os poucos moradores que aqui residem.

"Quando organizo uma festa no meu bar, faço questão de falar com os vizinhos."

9. Criar a figura do provedor do município com a missão de mediar todas as dificuldades ou conflitos que surjam no relacionamento dos munícipes com a autarquia ou empresas municipais.
10. Procurar, em parceria com a Associação Comercial de Viseu, mobilizar os comerciantes para a necessidade de atualização e adaptação das lojas, no que respeita à sua apresentação, para o renovar de competências e para a aquisição de novas técnicas de venda.
11. Levar a cabo uma campanha de propaganda e incentivos junto das grandes marcas sensibilizando-as para que aconteça em Viseu o que sucede nas grandes cidades europeias. As marcas de referência estão nos centros históricos.
12. Implementar alguns percursos na cidade e no concelho para, em visitas guiadas, se poder dar a conhecer a sua história, as suas tradições, os seus monumentos e os seus tesouros (uma rota histórica, incluindo os lugares e monumentos mais importantes da cidade; uma rota dos museus que inclui a rede de museus, nacionais, municipais e privados; uma rota do barroco, que inclua igrejas e capelas do concelho relevantes para o estilo barroco na arte da talha e da imaginária do sec XVII e XVIII; uma rota etnográfica, que inclui os lugares do concelho mais genuínos do ponto de vista da etnografia e das tradições, museus da especialidade incluídos; uma rota dos vinhos do Dão, que inclua a visita a quintas, azáfama dos trabalhos da vinha e do vinho, enologia e enoturismo; uma rota dos moinhos, que inclua a visita a moinhos de água e lagares de azeite com a água por força motriz, etc.).
13. Auscultar as forças do comércio e indústria regionais e nacionais, por forma a encontrar um caminho consensual, baseado em parcerias, na prossecução dos melhores objetivos.
14. Reforçar a identidade dos grandes certames de Viseu (Feira Franca e as Cavalhadas de Vildemoinhos e Teivas) de forma a valorizarem-se os eventos e a sua rentabilidade em termos turísticos.
15. Encontrar um acontecimento turístico verdadeiramente internacional, que leve o nome de Viseu além-fronteiras, e traga pessoas por mais de 3 dias. Um rally em terra batida na muito famosa floresta de Bertelhe, com convites aos clássicos dos ralys que por ali passaram nos anos de 70 e 80. Uma parceria com o Museu do Caramulo pode ser de valiosa importância face ao seu histórico e seu know how.

LIMPEZA

1. Restaurantes e bares devem atar os sacos do lixo quando depositados nos contentores, de forma a evitar mau cheiro e sujidade nas ruas.

No caso do setor empresarial (comerciantes e empresários) é claro o enfoque das propostas na reabilitação urbana (edificações, transporte, infraestruturas), na revitalização do comércio e na aposta no turismo, além dos incentivos ao povoamento e à atração de “gente nova”, reivindicando o desenvolvimento económico como aspeto fundamental.

A maioria das sugestões, algumas delas muito arrojadas e articuladas, estão relacionadas com a temática das infraestruturas e equipamentos e com a temática da convivência, identidade e valores, associada sobretudo a uma convivialidade económica, em torno das atividades económicas presentes no território ou fora dele e a uma

convivialidade turística, de carácter transitório, associada aos itinerários percorridos por visitantes e por turistas que visitam a zona histórica de Viseu.

As propostas do setor empresarial remetem à Câmara Municipal, e, nalguns casos, à Empresa Municipal de Reabilitação Urbana Viseu Novo SRU e à Associação Comercial do Distrito de Viseu (entidades fortemente conectadas entre si), a responsabilidade de atuar no centro histórico, ficando a população e o restante tecido associativo à margem, como espectadores ou consumidores de atividades ou serviços. Esta visão comum limita, contudo, a co-criação de novas soluções (criativas) e a co-responsabilização dos distintos atores no sentido do desenvolvimento sustentável e integrado da zona histórica de Viseu, o que nos aponta caminhos para as conclusões do diagnóstico.

5. CONCLUSÕES

A zona histórica de Viseu encontra-se a viver um tempo de transformação, notório a partir do início dos anos 90 e mais evidenciado nos últimos anos, com profundos efeitos a nível social, político, urbanístico, arquitetural, cultural, etc.

Nas últimas décadas o centro histórico de Viseu perde importância comercial, residencial e diminui a interação com a própria cidade, que cresce à sua volta e ganha novas centralidades. O centro histórico deixa de estar presente no quotidiano da população local.

Perante esta conjuntura, nos últimos anos tem sido visível uma reorganização das funções e valências do centro histórico, colocando o foco na reabilitação urbana, na atração de empreendedores, na economia criativa e turismo cultural, que tem impactos e se traduz na progressiva substituição de um segmento da população por outro, com mais poder económico e de compra. Este exponencial investimento na requalificação da zona histórica de Viseu, produz uma regeneração urbana ao nível económico, cultural e ambiental que acaba por encarecer os preços imobiliários. O fenómeno de valorização do imobiliário tende a empurrar para as periferias aqueles que vinham a habitar o centro da cidade, tornando-se este cada vez mais vocacionado para o turismo, proliferando a utilização de edifícios para funções de alojamento local (temporário).

A perda de importância da função residencial do núcleo histórico é geralmente justificada pela degradação das habitações e dos espaços, pela falta de estacionamento, por uma convivialidade de conflitos ou tensões entre as diferentes populações que passam a habitar ou a trabalhar na zona histórica (e.g.: barulho noturno, higiene do espaço urbano, vandalismo, sentimento de insegurança, etc.), pelo aparecimento de novas centralidades na cidade, mais modernas, espaçosas e com custos mais reduzidos face à subida exponencial do valor das rendas de casas. Além do aumento das rendas para habitação permanente, que agrava o reconhecido processo de desertificação do centro histórico de Viseu, o desaparecimento do comércio tradicional (substituído por espaços de diversão e ócio de fim de semana e noturno), a perda de serviços (e.g.: mercado 2 de maio; Orfeão; Cruz Vermelha, etc.) que também se fazem sentir, e uma

tendência para a descaraterização da identidade do lugar, são outros dos efeitos negativos deste processo.

Consequentemente, assistimos à chegada de outros setores populacionais à zona histórica de Viseu, quer seja para este tipo de consumo de lazer, cultura e turismo, fortemente incrementado na última década, quer seja para a instalação de jovens profissionais/artistas e novos moradores, com estilos de vida moderna, com maior poder aquisitivo para investir em novos conceitos de negócio ou imóveis renovados. E, ao mesmo tempo que se assiste à quebra das redes de solidariedade existentes e a deterioração das relações de convivência comunitária, outras redes surgem.

Os problemas diagnosticados e priorizados pelos participantes neste estudo apontam no sentido de um processo de “gentrificação” em curso na zona histórica de Viseu, acompanhando a tendência mundial dos centros históricos nas grandes cidades e cidades de média dimensão que, sob a crescente pressão turística, vão empurrando gradualmente as populações residentes e associações culturais/cívicas para as periferias e impondo o fecho de lojas históricas.

Esta é uma tendência em expansão e difícil de quebrar, sendo que, o modo como estes processos se desenrolam depende das especificidades de cada caso. As cidades estão em constante mudança e, face a esta inevitabilidade do seu processo de crescimento, importa olhar caso a caso e minimizar os efeitos nocivos do turismo no seu expoente máximo, através de estratégias a longo prazo que garantam um desenvolvimento sustentável e saudável. De facto, não se pode negar a importância do turismo para as cidades e a receita que traz consigo. No entanto, o centro histórico da cidade, temporariamente habitado e frequentado por visitantes passageiros, deve saber conviver, lado a lado, com os seus habitantes reais e permanentes. Numa zona patrimonial, importa que as pessoas que ali vivem e trabalham se reconheçam como parte de uma comunidade, um território de pertença. Da preocupação com a estética e preservação da matéria, à identificação e eliminação da injustiça social, tudo é um contínuo que importa assegurar.

Neste mesmo sentido, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas inclui o ODS 11, sobre cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis, que especifica os principais objetivos com os quais os governos das Nações Unidas se comprometeram a este nível, designadamente:

“Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planeamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países”

Para a concretização da Agenda 2030 sobre o ODS 11, é imperativo que os governos locais e a sociedade civil integrem estas metas nas suas tomadas de decisão e que contribuam com o seu poder de inovação para um futuro mais sustentável e inclusivo. Decisores e técnicos, mas também cidadãos e cidadãs comuns e de todas as idades, são chamados a participar na construção de propostas de ação para alcançar os objetivos do ODS 11 no seu território.

Embora os olhares dos participantes neste diagnóstico se virem, na sua maioria, para a administração municipal, importa ter presente uma visão de desenvolvimento mais ampla, através da qual se torne possível uma abordagem participativa, gerando diálogo entre os diferentes atores implicados, incluindo a cidadania não organizada, ajudando a melhorar a qualidade da tomada de decisões públicas. A participação cidadã é assim reconhecida como uma forma de apoiar a definição e o desenvolvimento de políticas que promovam ambientes urbanos saudáveis e inclusivos, conduzindo ao empoderamento da comunidade.

Com base na experiência de outras cidades onde estes fenómenos começaram há mais anos, é fundamental acompanhar o natural processo de gentrificação com políticas, estratégias e metodologias que amenizem os seus efeitos negativos e que apoiem esta transitividade. Neste sentido, apontamos algumas recomendações que nos parecem fazer sentido para o caso da Zona Histórica de Viseu, em função dos resultados obtidos no diagnóstico.

Recomendações:

- **Preservar a identidade do centro histórico:** num espaço turístico e cultural de referência e em revitalização, é fundamental saber preservar a identidade do lugar, não apenas ao nível dos edifícios, mas também das pessoas, relações sociais e hábitos. Para preservar a identidade do lugar é necessário preservar a cultura desse lugar, assegurando que as pessoas que ali vivem ou trabalham e respetivas dinâmicas sociais possam ali permanecer, a par das novas pessoas e dinâmicas sociais que ali chegam de novo. Importa planear não só o que vai ser transformado, mas também o que deve permanecer tal qual como é. E, nesse sentido, torna-se fundamental lembrar que a identidade do lugar foi construída precisamente por aqueles que já lá estão e, são esses que, em primeira mão, devem ser ouvidos e envolvidos, de modo construir-se um futuro em que zona histórica de Viseu tenha a sua identidade própria.
- **Conjugar o global com o local:** A homogeneização e o seguimento de modelos instituídos ou importados põem em risco a identidade de cada lugar. É no carácter genuíno que reside o interesse da identidade de uma cidade e, por isso importa saber conjugar o global com o local, no interesse de ambas as partes. Esta conjugação implica assegurar a endogeneidade e a exterioridade, a tradição e a inovação, a diversidade de identidades, quer nas relações estabelecidas no âmbito dos quotidianos de vizinhança, quer no comércio para turistas, autóctones e imigrantes, a preservação tanto dos edifícios históricos ou antigos como os contemporâneos. O projeto “Lojas Históricas” é bom exemplo de uma estratégia de valorização de identidades locais.
- **Melhorar as condições de convivialidade:** A rutura de redes comunitárias aparece como um problema importante neste diagnóstico. As dinâmicas observadas num contexto de crescente diversidade, como

é o caso da zona histórica de Viseu, implicam considerar os contextos de convivência como novos campos de tensões, contradições e interações interculturais. Carecem de projetos e iniciativas de promoção da tolerância e do diálogo intercultural e intergeracional, procurando atenuar as principais dificuldades. Há estratégias inteligentes de gentrificação que aproveitam o investimento imobiliário para valorizar o património e melhorar as condições de sociabilidade. Ou seja, os investidores imobiliários são taxados pela Câmara Municipal e essa taxa é usada para projetos de carácter cultural e de integração social.

- **(Re)Criar redes a partir de baixo** (lógica bottom up): uma das conclusões do diagnóstico participativo da zona histórica de Viseu é a fraca ou quase inexistente conectividade intra e inter a base social e o setor auto-organizado. Importa, por isso, (re)criar uma rede de atores a partir de baixo, para diminuir o isolamento dos cidadãos comuns, dos comerciantes (em especial do comércio tradicional) e de algum setor auto-organizado, incluindo-os em processos de decisão. Escutar os nós da rede para obter mais informação; escutar os atores marginais e conhecer melhor as suas razões; unir o setor auto-organizado; perceber o que pode depender de cada um para a resolução de problemas comuns e desenvolver a capacidade de auto-organização comunitária são aspetos vivamente recomendados. Importa fomentar alianças e ter algum tipo de planeamento comum entre os cidadãos e o setor auto-organizado (e.g.: diálogo e atividades intergeracionais e intersectoriais, etc.), entre os comerciantes e empresários, visando a progressiva passagem de níveis de análise individuais para níveis de análise coletiva, que os façam chegar a problemas e soluções coletivos.
- **Reforçar a cidadania não organizada**: que, apoiada por técnicas adequadas, encontra oportunidades para identificar, analisar e priorizar coletivamente os próprios problemas e propostas de melhoria, e desenvolver com ela, a partir dela, modelos de desenvolvimento consciente. A realização do diagnóstico participativo da zona histórica de Viseu constitui um passo nesse sentido, o arranque de um processo participativo que pode ter continuidade através da formação de grupos de trabalho para cada um dos 6 problemas priorizados. Existem, por todo o mundo, vários exemplos de boas práticas a este nível (e.g.: **Laboratórios de Cidadãos** – espaços onde se combinam diferentes métodos, recursos, infraestruturas para que os cidadãos possam compreender melhor os problemas que os afetam e experimentar e desenvolver projetos locais de forma colaborativa). A este nível e, tendo em conta os resultados do diagnóstico, projetos e ações inovadores que visem a participação, a criação de redes e o **reforço do papel dos jovens** no desenvolvimento comunitário em torno do centro histórico de Viseu são altamente recomendáveis.

- **Projetos culturais inclusivos:** os aspetos culturais assumem um papel de relevo no quotidiano dos lugares e interligam-se com as questões socioeconómicas. São estes aspetos culturais que servem para unir ou desunir, para facilitar ou dificultar as relações quotidianas que marcam as sociabilidades e interações entre moradores, líderes associativos, autoridades, transeuntes, turistas, clientes, etc. É através destas interações que a cultura se manifesta. O diagnóstico aponta para a necessidade de uma maior aproximação entre a base social e os agentes culturais e para a necessidade de criar condições para uma maior participação e protagonismo dos moradores e de outros atores locais na vida cultural do centro histórico, a fim de fortalecer o sentido de comunidade e as relações solidárias. Num contexto em mudança, de crescente diversidade, as culturas mudam e evoluem incorporando elementos de outras culturas, quer através da migração ou do turismo, quer por intermédio dos diversos meios de comunicação. Abrir um processo de participação e experimentação para moradores do centro histórico de Viseu nos museus ali sedeados, incluindo outras estruturas culturais ou coletivos de artistas, com o objetivo comum de criar espaços interculturais que promovam o encontro, a escuta, o respeito e a ampliação das práticas de cuidado solidário surge, nesse contexto, como algo relevante. O desenvolvimento de **práticas artísticas comunitárias** é altamente recomendado.

É no aprofundamento destas questões que a intervenção sociopolítica pode centrar a sua ação, se se pretender atenuar as tensões e melhorar os âmbitos da convivialidade intercultural na zona histórica de Viseu.

É importante integrar projetos criativos em estratégias maiores, desenvolvidas em colaboração com os diferentes atores locais, a par da administração local e devidamente acompanhadas por equipas que fazem investigação com a comunidade, com experiência numa lógica de trabalho participativo, de baixo para cima, de modo a assegurar que os interesses de decisores, moradores, comerciantes, empresários e investidores, turistas estão alinhados de modo a beneficiar todos.

O êxito do diagnóstico participativo da zona histórica de Viseu depende da sua continuidade, da sua projeção futura, daí a importância do compromisso político em acolher e valorizar as propostas dos/as cidadãos/ãs e providenciar os recursos para a ação. Neste âmbito, pode surgir a necessidade de auxílio financeiro externo para o seguimento do processo.

O ciclo prossegue ao tentar incorporar as propostas num plano de ação e executá-lo. Desse modo, o Diagnóstico Participativo da Zona Histórica de Viseu deixa um caminho aberto, converte-se no ponto de partida para a elaboração de um plano de ação, que continua a realizar-se através da participação e colaboração dos/as cidadãos/ãs. A experiência visa gerar não só um relatório diagnóstico com propostas de ação, mas também grupos de trabalho que se apropriam do processo, para lhe dar

continuidade, porque o sentem como seu. Alguns participantes no diagnóstico, pelo grau de interesse, permanência e compromisso revelado, estão nas melhores condições de dar continuidade ao 'grupo motor' (de constituição mista) de apoio ao processo participativo. São pessoas comprometidas com o desenvolvimento da sua comunidade, com alguma disponibilidade e interesse pela zona histórica de Viseu e com vontade de ser parte ativa das soluções, em função das suas possibilidades e capacidades. Do mesmo modo, também se recomenda a constituição de uma 'comissão de seguimento' (com representantes municipais, associativos, institucionais, etc.), capazes de impulsionar o processo.

Uma vez identificadas consensualmente as áreas prioritárias sobre as quais trabalhar na zona histórica de Viseu, propõe-se agora a formação de grupos de trabalho voluntário (constituídos por cidadãos/ãs, técnicos, líderes sociais, etc.) para cada um dos nódulos críticos diagnosticados. Estes grupos têm como objetivo recolher e construir propostas de melhoria para serem apresentadas pelos próprios cidadãos em assembleias de freguesia ou municipais, submetendo-as a uma análise de viabilidade.

A participação, surge, neste âmbito, como algo fulcral e determinante para o desenvolvimento comunitário, o que implica colocar as pessoas e as comunidades como protagonistas da ação, ainda que possam ter o suporte institucional e a mediação de profissionais, e assumir o desenvolvimento como o exercício pleno da cidadania.

6. FONTES SECUNDÁRIAS CONSULTADAS

- Município de Viseu (2014). *Viseu Viva: Plano de Ação para a Revitalização do Centro Histórico de Viseu* (documento pós consulta pública).
- Centro de Respostas Integradas de Viseu (2017). *Diagnóstico Territorial de Viseu*.
- Ferreira, P. (2010). *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. [Unpublished master's thesis]. Universidade Aberta, Lisboa.

Websites

- https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html
- <https://www.cm-viseu.pt/>
- <https://viseunovo.pt/>
- <https://viseupatrimonio.pt/>
- <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/>

Legislação

- Dec. de 16/6/1910 e D.G. n.º 42, de 19/2/1963
- Lei nº 11-A/2013
- D.G. n.º 99, de 24/8/1962
- Art.º n.º 41 do D.L. n.º 794/76

7. ANEXOS

Como atividade de disseminação, o Diagnóstico Participativo da Zona Histórica de Viseu foi uma das 123 candidaturas apresentadas à 16ª Distinção “Melhores Práticas de Participação Cidadã”, promovida pelo Observatório Internacional de Democracia Participativa (OIDP), tendo alcançado o 10º lugar no top 15 das melhores práticas a concurso, como se pode observar na listagem que anexamos.



16th AWARD
BEST PRACTICE
IN CITIZEN
PARTICIPATION

IOPD 2022 Award: results of the open vote / Premio OIDP 2022:
resultados de la votación abierta / Prix OIDP 2022 : résultats du
vote ouvert

- Participación ciudadana en los proyectos de adquisiciones, arrendamientos y servicios del municipio de Tizayuca, Hidalgo / 545 supports
- Osasco: Workshop on Public Budget for counselors from civil society / 461 supports
- Belém: "Tá Selado" - Permanent Forum of Popular Participation / 264 supports
- Istanbul Katılım Kafe (Participation Cafe) / 234 supports
- Pour une ville des enfants : Lyon développe la participation des enfants et leur donne la parole / 212 supports
- Alcantarilla: Pactos de Desarrollo Local Participativo: "HISTORIAS DE BARRIO" / 200 supports
- Bogotá: Pactando / 194 supports
- Lutte contre la dégradation de l'environnement autour d'un Parc National: Cas du Parc National de Kahuzi Biega en RDC / 192 supports
- Tunja: "Empoderamiento ciudadano desde la multiculturalidad y el reconocimiento de los derechos" / 186 supports
- **Participatory Diagnosis of the Historic Zone of Viseu / 179 supports**
- Ojo ciudadano al turismo: prevención de riesgos de corrupción en la aprobación de proyectos turísticos con impacto medioambiental en Riviera Maya / 178 supports
- Bogotá: Obras con Saldo pedagógico / 173 supports
- Programa Tutores de Cascais / 172 supports
- Fortalecimiento de los saberes culturales y ancestrales de la nacionalidad Andwa de Pastaza del Ecuador (NAPE) / 161 supports
- Establishment of environmental houses in the neighbourhoods of 22 districts of Tehran / 152 supports

Complete list of support for each proposal:

<https://participate.oidp.net/processes/award2022/f/272/>

